O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 24 DE JULHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N° 1:370

A Carabina do Buissa

Vae n'outro logar o artigo *Justiça*. E reparem os leitores — que para isso, unicamente, o reeditamos — como ao fim de dois annos estamos onde estavamos: eu, as quadrilhas politicas e Sua Majestade. E' uma pagina de historia muito interessante.

O ministerio publico processou cinco dos artigos do *Povo de Aveiro*. E accusa-me, entre muitas outras coisas, de eu ter dicto: *que o rei... não hesitou em deixar cahir da penna, sobre seu pae, o estigma infamante de ladrão.*

Mas é tudo quanto ha de mais exacto! E d'essa forma, o ministerio publico, na logica dos pulhas, como eu dizia no ultimo domingo, sem offensa para o funccionario, e na logica dos factos, querela em mim o espirito de justiça, o espirito de independencia e o espirito de verdade.

Em 5 de fevereiro de 1908, escrevia D. Manuel I, rei de Portugal:

«Meu presidente do conselho:

Devendo as Côrtes, nos termos do artigo 80 da Carta Constitucional, fixar no começo de cada reinado a dotação do Rei, e desejando eu que o Parlamento esteja inteiramente livre de toda a indicação para resolver sobre o assumpto, é meu firme proposito que a fazenda da casa real não utilise recursos que não tenham sancção parlamentar.

Creia-me seu muito amigo — Manuel — 5 de fevereiro de 1908.

Pois o que quer isto dizer? Isto quer dizer, nitidamente: *Meu pae, que está alli n'aquelle esquife com a espinha dorsal partida por uma bala, foi um ladrão. Os assassinos tiveram, pois, toda a razão para o assassinar.*

Quando em 4 de fevereiro o ministerio, sob a presidencia de Ferreira do Amaral, se apresentou ao rei, o rei respondeu-lhe: "*Faço a mais solemne promessa de cumprir a lei, a lei e só a lei.*„

O que quer isto dizer? Quer dizer, claramente: *Meu pae, que está alli n'aquelle esquife com a espinha dorsal partida por uma bala, foi muito bem morto, porque era um despota, um tyranno, um usurpador, um atrabiliario. Honra e gloria aos assassinos! Elle não cumpria a lei. E para que não julguem que tal filho tal pae, eu, por mim, prometto e juro solemnemente, da forma mais cathegorica, cumprir a lei, a lei e só a lei.*„

A lei, a lei e só a lei!

E eu, que escrevi o artigo *Justiça*, é que sou réo!

A mim, processam-me. Aos assassinos do rei D. Carlos . . . amnistiam-nos!

Está na logica dos pulhas, outra vez o digo, e na logica dos factos. Mas é ignobil. Mas é uma infame pandilhice.

Não quero abrir campanhas, já o disse, contra o Paço. Mas quero affirmar, alto e bom som, lavando, como portuguez, a parte que me cabe n'essa nodoa, que *tudo isto é uma infame pandilhice*, que *tudo isto é ignobil.*

A revolução, a burlesca revolução de 28 de janeiro, foi preparada tal e qual como a burlesca revolução de 31 de janeiro. Como essa burlesca revolução de 31 de janeiro, os chefes da burlesca revolução de 28 de janeiro ameaçaram céos e terra e annunciaram ao orbe a liquidação da monarchia n'uma especie de juizo final. Porem, da mesma forma que em 31 de janeiro Alves da Veiga e Santos Cardoso desappareceram da circulação, sendo encontrados, aterrados e pallidos, encaixados n'uma latrina da rua da Lapa, da mesma forma o birbante Affonso Costa se preparava, com o corte das barbas, para, em 28 de janeiro, se *safar*, aproveitando-se da confusão que resultaria da batalha. Da mesma forma que em 31 de janeiro os chefes revolucionarios davam o espectaculo indigno, em cima da derrota, da mais assignalada vileza e covardia, da mesma forma, no pavor com que os pulhas do 28 de janeiro ainda hoje se referem aos castigos, aos suppostos castigos que João Franco lhes preparava, e no fedor que exhalaram os magriços apanhados no elevador do Pelourinho, se denuncia, se patenteia uma covardia abjecta, repugnante, asquerosa.

Infelizmente, á ousadia dos republicanos correspondeu, em 31 de janeiro, a covardia dos monarchicos. Os monarchicos — escrevi-o desde logo no livro em que tratei o movimento revolucionario — tremiam com medo dos republicanos. E os republicanos tremiam com medo dos monarchicos. Vergonha que se repetiu no 28 de janeiro. Ou antes, do lado dos monarchicos, depois do dia 1 de fevereiro.

O que se passou em seguida á tragedia do Terreiro do Paço é uma macula de covardia, d'espantosa covardia, que ficará eternamente manchando e envergonhando a nossa historia. De covardia e de imbecilidade. Se foi grande a covardia, não foi menor a imbecilidade.

O 28 de janeiro tinha demonstrado a fraqueza extrema dos republicanos. Extrema! Nem com o auxilio de *todos* os infames quadrilheiros que se dizem monarchicos, de *todos*, porque á parte os franquistas e alguns nacionalistas, todos os auxiliaram, nem com as vantagens d'uma propaganda intensa feita por quasi todas as gazetas, porque uma das fraquezas de João Franco era a falta de jornaes, em absoluto, e em particular de jornaes e jornalistas de combate, nem com a perturbação, a séria perturbação que de tudo resultava, os republicanos haviam conseguido organisar um serio movimento revolucionario. Aquillo não era uma revolução. Aquillo era uma farçada, um entremez, uma fantochada. O eterno entremez, a eterna fantochada, a eterna farçada. Um chinfrim, um porco chinfrim, um indecente chinfrim. De modo algum, um movimento revolucionario.

Patenteou-o, eloquentemente, o 28 de janeiro. Sem deixar a menor duvida. No 31 de janeiro ainda haviam conseguido trazer para a rua forças militares. No 28 de janeiro, nem um soldado!

Os republicanos estavam presos, exilados, desacreditados e sem prestigio pelo insucesso, anniquilados. Via-o a vista mais curta, o espirito mais tacanho. Pois bastou a morte de dois homens para que ficasse tudo apavorado. Apavorado!

Olhem para isto os portuguezes d'alma, e d'intelligencia, se ainda os ha. Estudem bem esta licção os patriotas, se porventura ainda existem patriotas em Portugal. Estudem, que a situação é gravissima. Estudem, que não haverá maneira de salvar este paiz, se acaso o paiz se pode salvar, sem obrigarmos o rei ao bom caminho e sem crearmos uma opinião publica e um caracter.

Bastou a morte de dois homens para que ficasse tudo apavorado. Isto define um regimen, um povo, uma raça!

Deixemo-nos de farroncas. Abaixo as embofias. Fóra as basofias. Isto define um regimen, um povo, uma raça!

Infelizmente!

Recolham a cantata da valentia. O pregão das heroicidades. Se isto foi um povo de heroes, hoje, infelizmente, é um povo de covardes.

Diz-se, e é certo, que a carabina do Buissa ficou governando Portugal. E' certo! E' uma grande verdade! A carabina do Buissa ficou governando Portugal! Quem é o parlapatão que, em face d'isso, da degradação, da vileza, da abjecta covardia que esse facto representa, e para todo o paiz, que o supporta, ousa chamar a isto *um povo de heroes?*

Parlapatões, farçantes, emmudecei! Ao menos, calae-vos! Basta de vergonhas e ridiculos aos olhos do mundo civilisado.

E' certo! E' verdade! E' a carabina do Buissa, sim, quem governa em Portugal! Covardes!

E não é só o rei que tem medo da carabina do Buissa. Teem todos. Ha dois annos que todos os ministerios se amarfanham, acocoram e aviltam deante d'essa carabina. Foi ella o segredo da covardia ignobil do ministerio Beirão. E é ella, ainda, o segredo das transigencias abjectas d'esse brutamontes que se chama Teixeira de Souza, e cuja valentia os seus adeptos, alvarmente, comicamente, por ahi apregoam. Covardes!

Que vergonha, comparar isto com o Maura, o La Cierva, o Stolypine, com Nicolau II, com Affonso XIII, com o proprio socialista Briand, com o proprio burguez do Fallières! Covardes! Covardes! Que vergonha, para nós todos! Que vergonha, para Portugal!

Ficou tudo, tudo apavorado deante da morte de dois homens. A reacção da covardia e do medo começou ainda o rei D. Carlos não tinha expirado. Começou logo que a rainha D. Amelia exclamou, para João Franco:

— Ahi tem, conselheiro, o resultado da sua obra . . .

Começou logo que a rainha Maria Pia, com o gesto theatral do estylo, increpou:

— O senhor não abriu a cova da monarchia, mas foi o coveiro de meu filho e de meu neto! . . .

O agente do ministerio publico tambem me processa por eu ter affirmado — vê n'isso offensas a toda a familia real! — que foi a conselhos da rainha D. Amelia, da rainha Maria Pia e do infante D. Affonso que o rei D. Manuel exauctorou o nome e a memoria de seu pae. Pois, agente do ministerio publico, ahi tem. Processa em mim a verdade, a justiça, a independencia e honestidade de caracter.

Pois processe tambem a historia!

A reacção da covardia e do medo começou ahi. E do interesse! A argamassa mette lama de todos os fundos lodosos da escoria humana. E do interesse!

Galtier contava que a rainha Maria Pia não podia ver João Franco por causa da *questão dos adeantamentos*. Por elle não lhe satisfazer *novas exigencias de dinheiro*. Por lhe deixar a descoberto *as dividas*, e as *joias empenhadas*.

A rainha Maria Pia, de quem o orgão official da prostituição republicana se veio a arvorar em defensor! Como, agora, da rainha D. Amelia! Anda zelosamente a fazer o jogo do governo, *e o seu*, apregoando que o *Povo de Aveiro* fere *a honra* da rainha D. Amelia! Que safados! Que pulhas!

Começou ahi a reacção. Em que se misturava com a covardia, com o medo, com o pavor da carabina do Buissa, a ancia sugadora dos vampiros do thesouro! Dominando o medo. A ganancia pode muito nos miseraveis. Ainda assim, pode menos que o medo.

Pinheiro Chagas quiz um dia experimentar qual era o sentimento que dominava Theophilo Braga: se a avareza, se o medo. E depois de ter sido preso, pelo 31 de janeiro, o auctor d'estas linhas, collega de Theophilo Braga no Directorio, Pinheiro Chagas convenceu Theophilo Braga de que lhe convinha occultar-se. No dia immediato, Theophilo Braga faltou á aula no Curso Superior de Lettras. Ainda era mais medroso que avarento!

Esta é a nota dominante no caracter dos fanfarrões da politica portugueza. De tal forma, que até João Franco teve medo!

Por coisa alguma nós teriamos, no caso de João Franco, abandonado o paiz n'aquelle instante. Não o dizemos por basofia, felizmente. Nós eramos tão odiado como João Franco. Tinhamos, e temos, menos apoio do que elle. Somos só. E elle apoiava-se n'um partido forte e numeroso. Elle tinha, a darlhe a força moral da solidariedade, que é uma enorme força, muita gente. Nós não tinhamos ninguem. Estavamos condemnado á morte pelas sociedades dos bandidos. E quando tudo, tudo tremia, quando ninguem, na imprensa, ninguem! se atrevia a fulminar corajosamente os assassinos, escreviamos nós, em cima do crime hediondo do Terreiro do Paço, o artigo *Justiça*.

Não somos um valentão. Nunca o fomos. Nem o havemos de ser. Mas coisa alguma nos fez jámais recuar deante da verdade e do dever.

Não faziamos o que fez João Franco. Dissémo-lo logo e dizemo-lo. Matar-me-hiam. Mas ficariamos em Portugal. Era um acto de coragem necessario. Era um protesto eloquente contra tanta covardia. Era um dever. Não era uma fanfarronada, como tantas que tinha tido João Franco, no fundo um fanfarrão, como D. Carlos. Então, era um dever.

O pavor que se apoderou de todos é a prova provada de que n'este paiz não ha estadistas, não ha homens, não ha caracter, não ha nenhuma garantia. Nenhuma! Isto é um paiz de chinfrineiros, de arruaceiros, de fanfarrões, de farçantes, que em chinfrins, em arruaças, em farças se vem dissolvendo até de todo desapparecer.

N'este paiz não ha caracter. Cem vezes o temos dicto. Outra coisa não temos visado, na nossa attitude intransigente, que despertar algum caracter n'este povo abastardado, degenerado, envilecido. Debalde. Com que amargura o dizemos!

Foi por falta de caracter, absoluta falta de caracter, que, em cima da tragedia do Terreiro do Paço, se deu ao mundo um espectaculo indecente. E' por falta de caracter, absoluta falta de caracter, que agora se vae decretar a amnistia.

E sem caracter, não ha vida collectiva! Povo sem caracter é, fatalmente, povo perdido, povo dissolvido!

A licção dos ultimos dois annos é uma licção eloquentissima. Tinha sido facilimo anniquilar os republicanos, porque anniquilados estavam elles. Tinha sido facilimo completar o golpe de graça nos quadrilheiros, porque abatidos estavam elles. Mas só porque meia duzia de assassinos, n'um esforço derradeiro que era a viva e frisante demonstração de que não havia forças para um sério movimento revolucionario contra a monarchia, mataram dois homens, tudo tremeu, tudo se apavorou, tudo cahiu de cocoras . . . não fosse resuscitar a espingarda do Buissa e voltar-se contra elles!

Por seu lado os republicanos, nem ao menos vendo cahida a monarchia, de rastos, apavorada, abjecta, vil, tiveram um assomo de vida, de resolução, de coragem, para a levar n'um ultimo assalto vigoroso, a pontapés, de vencida.

Covardes! Vis!

Continuaram a vida das farroncas, das basofias, das ameaças vans, sem fazerem nada, mas perturbando tudo. Sempre ameaçando, sempre ladrando . . . ao pé da porta, com a retirada aberta para fugirem. Mas mettendo o rabo entre as pernas e calando-se, logo que ennegreça o horisonte e haja probabilidades de ficar . . . a retirada compromettida.

Povo sem caracter! Povo infeliz!

Ultimamente, alguma coisa se tinha conseguido. Tinha sido possivel, emfim, despertar algumas energias. Um juiz d'instrucção despedia golpes vibrantes sobre as quadrilhas. A descoberta do crime de Cascaes, a descoberta das associações secretas, achado o rasto dos regicidas, porque o juiz d'instrucção esteve com a mão em cima d'elles, crescia a força moral dos amigos da ordem e diminuia a força moral dos amigos da desordem. Mas eis que estes, n'um impeto desesperado, tentam salvar-se. E eis que o rei lhes faz o jogo, imbecilmente. E toda a obra feita... fica perdida.

Perdida!

Estamos outra vez em pleno regimen de quadrilha. O espectaculo das corrupções e veniagas eleitoraes, é horrivel. Os republicanos servem o governo, o governo serve os republicanos. Descaradamente se nomeiam republicanos para logares de confiança, ou creaturas que os servem. E' uma podridão! E' o caracter latrinario do paiz a exhalar, ao sol, miasmas e fedores. E' horrivel!

Por cima, a amnistia. Que nós não combatemos por *motivo sanguinario*, mas pela repugnancia e dó de ver cahir, envilecido, prostituido, tudo isto.

Um farçante que anda ahi, José Maria d'Alpoim, sem elevação nenhuma, nem d'alma, nem d'intelligencia — a intelligencia nunca se resumiu em escrever ou dizer com arte quatro tretas — sustentava esta semana no *Primeiro de Janeiro* que só por espirito sanguinario, de rancor, de vingança, se podia combater a amnistia.

Não é por espirito sanguinario, farçante! Não é por nenhum espirito de rancor, por nenhum espirito de vingança! E' por uma necessidade imperiosa de dar algum caracter a este povo envilecido.

Não haverá republicano, socialista, anarchista, sério, honesto, digno, que não sinta nauseas perante esse amalgamar ignobil de convicções e de processos. Por esse systema brejeiro, gaiato, d'atirar a pedra e esconder a mão. Malandros a acceitarem logares da monarchia para conspirarem — ao mesmo tempo que enchem o estomago — contra a monarchia. Malandros que injuriam o rei, e tudo, e todos, na imprensa, para imporem depois, exigirem, ás escondidas, aos governos, seus cumplices, a salvadora amnistia. Ignobil! Torpe!

Qual é o homem honesto, seja qual fôr o seu partido, que se não sinta, de nojo, revoltado contra isso?

A amnistia, n'esta altura, é tudo quanto ha de mais dissolvente, de mais attentatorio da ordem e da dignidade publica. De tal forma, que se n'este paiz houvesse consciencia collectiva, rei, que tal fizesse, seria deposto a seguir.

Eu não sei as multas que tenho sobre mim. Não sei se irei parar á cadeia. A amnistia aproveita-me. Mas se o rei a conceder, perante a historia acabou de se cobrir d'ignominia.

Rei de Portugal, acabareis de vos cobrir d'ignominia!

Mandae-nos processar novamente. Mas acabareis de vos cobrir d'ignominia.

Meu pobre paiz, que está tudo perdido!

Nem caracter nos republicanos, nem caracter nos monarchicos. Pulhas! Sevandijas! Alonga-se a vista, remexe-se a memoria, procura-se em roda, tacteia-se, apalpa-se, experimenta-se e... pulhas... pulhas... sevandijas!

Meu pobre paiz, que está tudo perdido!

O bandido do norte que se chama Alfredo de Magalhães, e que todo o Porto conhece pelas suas *virtudes*, foi fazer conferencias aos bandidos do sul. E na primeira sustentou que não ha padre nenhum, por melhor que seja, que *não tenha um defeito*. Logo: abaixo o padre, guerra ao clericalismo!

E chamam-nos nomes quando pedimos um *banho de fogo* para estes bandidos!

Digam lá todos, em consciencia, se os miseraveis, que se atrevem a estas affirmações, tendo no seu seio Affonso Costa, Cunha e Costa, Ribas d'Avellar, Arthur Leitão, Margarido, Alexandre Braga, Santos Cardoso, Padua Correia, Severino, emfim tudo quanto ha de mais vicioso, de mais criminoso, de mais vil, não recebem ainda um castigo suave se os fuzilarem contra um muro.

Excedem tudo, estes sapos repellentes!

Justiça

Vae adeante o artigo *Justiça*, publicado no primeiro numero do *Povo de Aveiro* sahido logo após a morte de D. Carlos.

A reedição d'esse artigo vem a proposito do nosso processo e serve para demonstrar mais uma vez o espirito nacional de banditismo.

Estão processados cinco artigos do *Povo de Aveiro*. Recebemos a intimação na ultima segunda-feira. E' claro que não queremos, por isso, mal ao rei, nem ao agente do ministerio publico. Os artigos do *Povo de Aveiro* não eram desbragados. Não obedeceram ao proposito de ferir o rei. Pelo contrario, tiveram um alto intuito patriotico e pelo que diz respeito, pessoalmente, ao chefe do Estado, só pensámos em attrahir as suas attenções para uma situação que reputavamos e reputamos melindrosissima.

Podiam, pois, deixar de ser processados, que não correria perigo a moral publica, a respeitabilidade do rei, ou as instituições. Mas o ministerio publico, por si ou por ordem superior, entendeu o contrario, e adeante. Não fomos macio com o rei, isso não fomos. Não lhe falámos de chapéo na mão, porque quando falamos como cidadão que julga os interesses nacionaes ameaçados, não é esse o nosso costume. A auctoridade viu n'isso offensa ou desrespeito? Está bem. Os tribunaes julgarão. O seu criterio pode ser differente do nosso, como já o foi o do ministerio publico. Nem por isso seriamos digno se esbravejassemos contra aquelles que, dentro d'um direito incontestavel, nos intimam a assumir a responsabilidade do que escrevemos.

Bem ou mal, o que está escripto, está escripto. Se é preciso pagar com a bolsa ou com o corpo, pagaremos.

Não queremos, pois, por isso, mal ao rei, nem ao agente do ministerio publico. Mas não deixa de ser interessantissimo que os bandidos nos mandem a nós, agora . . . para a cadeia. Interessantissimo!

Quando foi publicado o artigo *Justiça* estava tudo agachado, com medo. Temos na nossa frente os jornaes que, n'essa epocha, mais ou menos defendiam o rei e o governo. Limitam-se a uns protestos *genericos* contra o attentado de que o rei foi victima. Um d'elles, conservador, ultra-conservador, mas alheio ao franquismo, até fez causa commum, n'uma pequena noticia, e no dia de João Franco sahir de Portugal, com os inimigos do dictador cahido. Só nós pozemos as *coisas no seu logar*, fulminando, a sério, os bandidos.

Pois bem. Dois annos depois os bandidos estão triumphantes. Vão ser amnistiados. Incluindo os regicidas! E nós . . . somos chamado a contas pelos auctores e cumplices do regicidio!

Interessantissimo.

E digam lá que isto não é um grande paiz de bandidos!

Juiz-burro

E' como trata o juiz Rodrigues dos Santos a gazeta infame a que os dinheiros da Margarida deram vida.

Juiz-burro, burro-juiz, burranca, burranca-ligorio, burrissimo . . .

E venha a amnistia.

Venha a amnistia!

O pobre juiz tentou pôr cobro á impunidade de que gosa em Lisboa o patife que se diz jornalista politico?

O pobre juiz tentou metter na ordem advogados sem pudor, que se aproveitam do exercicio das suas funcções para injuriar as instituições, e os adversarios politicos?

Pobre juiz! Só conseguiu uma coisa: ser, por sua vez, injuriado, desprestigiado, espesinhado, cuspido. Pobre juiz!

Para salvar o garoto da imprensa, o *escroc*, o bandalho, o gaiato vil, lá está . . . a amnistia.

Eis para que serve a amnistia! Eis o que vem cá fazer a amnistia! Vem exauctorar o funccionario honesto, o homem probo, o cidadão prestante e digno. Vem augmentar a desordem. Vem dissolver, ainda mais, tudo isto.

Em França, Briand, socialista, pronuncia-se abertamente contra *todas* as amnistias. Em Portugal, Teixeira de Souza, o *libaral* Teixeira de Souza, não pode iniciar o seu reinado sem começar . . . pela amnistia.

Ah, que se n'este paiz houvesse homens, a amnistia, nas condições em que estamos, seria a queda immediata do throno e da monarchia!

Se o rei não serve para corrigir desmandos e desvarios, se está prompto a sanccionar a desordem, systematicamente e permanentemente, então haja franqueza, ao menos. Desordem por desordem, antes em republica, do que em monarchia.

Vamos apostar em como Sua Majestade, pensando bem, é tambem d'este parecer.

Isto pode lá ser! Isto pode lá ser!

Justiça

Ha um rei morto. Ha um reinado a menos no tempo e a mais na historia. Desde velhas epochas que tem sido permittido julgar os reis, apreciar reinados, morto o rei, findo o reinado. Será isso permittido em Portugal, hoje, n'esta altura do tempo e da civilisação, com um rei novo que, di-lo elle officialmente, dizem-no os seus conselheiros officiosamente, sóbe ao throno inaugurando um novo periodo de tolerancia, uma nova era de liberdade?

Ha um rei morto. E esse rei não era bom. Ha um reinado a mais na historia. E esse reinado foi uma serie continua de attentados ao direito, á liberdade, ás regalias populares. D. Carlos poderia ter dicto, como Luiz XIV: *l'État c'est moi*, que, como Luiz XIV, teria tornado o dicto uma realidade. Com a attenuante, para Luiz XIV, de Luiz XIV ser rei absoluto e ter reinado ha dois seculos. Com a aggravante, para D. Carlos, de D. Carlos ser rei constitucional, e de ter jurado manter a constituição.

Mas é justo attribuir a culpa toda a esse rei? A esse rei, que ninguem chora?

Que ninguem chora!

Nem uma palavra de piedade, n'esses jornaes publicados na tarde tragica, ou na manhã que se seguiu á noite que se receava ser o epilogo da grande tragedia!

E' que os homens dos jornaes teem a prudencia videirinha de quantos regulam pelo estomago todos os sentimentos e pensamentos da animalidade. Tinha sido tremendo o raio. Mas a atmosphera não estava ainda limpa; ainda ameaçava grande tempestade. Se vinha a republica?! O raio, embora formidavel, fora como que um aviso de coisas ainda mais formidaveis. Viria a republica? Se viesse, seria preciso renegar e amaldiçoar o rei, para perfilhar o assassinato e exaltar os assassinos republicanos. Se não viesse, então se faria a apotheose do rei e se apontariam como execrandos os crimes republicanos.

Para isto havia tempo. Os cadaveres reaes estavam ali, dez dias á espera. Não se corria o perigo de fugir a opportunidade.

Ao fim de tres dias, o maximo, estaria definida a situação. Entretanto, esperar. Não fosse o *complot* republicano apontar, quando outra coisa não succedesse, contra os jornalistas que se pronunciassem antes de tempo, as carabinas que haviam ficado debaixo dos capotes.

Esperar. E, depois, ou se saudava a *nova aurora de redempção*, como o *Primeiro de Janeiro* já dizia na madrugada do 31 de Janeiro, a nova aurora de redempção, que surgia purificada pelo sangue dos martyres, ou se chorava então copiosamente a morte d'um rei valoroso, de um rei patriota, e d'uma creança innocente que em plena juventude, quando tudo ri e tudo canta, era arremessada para as trevas da morte por um crime abominavel.

Era a expectativa dos homens dos jornaes, dos *videirinhas*. Ei-los já a entoar loas ao *astro nascente*, ao rei D. Manuel! Vê-los-heis ainda chorar o astro que já desappareceu no occidente, com lagrimas tão abundantes e tão sentidas que irão causar assombro aos crocodilos de todo o universo.

O rei não era bom. Manda a verdade, manda a justiça que se diga. Mas peor do que elle, foram aquelles que o empurraram no caminho para onde o arrastava o seu temperamento. Mas peor do que elle, foram e são aquelles que nunca tiveram a coragem, o civismo, a dignidade, que nunca cumpriram o dever de cidadãos, de patriotas, de ministros, de conselheiros, de homens, se homens fossem os miseraveis, de arrostar serenamente, de se oppor lealmente, cavalheirosamente, ás tendencias auctoritarias, absorventes, liberticidas, do temperamento de D. Carlos.

O rei morreu. Mas elles não só ficaram todos vivos, como foram os principaes auctores do *complot* de que resultou a morte do chefe do Estado. O rei pagou com a vida as suas responsabilidades, que eram tremendas, mas que assumiu sempre com coragem. Elles não só fugiram sempre a todas as responsabilidades, como imputaram ao rei as suas proprias, como se arvoraram, por fim, em censores, em juizes, em vestaes, promptos a gosar na republica os fructos do triumpho, como os tinham gosado na monarchia, se a republica triumphasse.

O rei não era bom. Mas ningnem dirá em justiça que os conselheiros que terminaram por conspirar, directa e indirectamente contra elle, os conselheiros que já se preparavam para soborear em republica os doces fructos do poder, não sejam peores do que o audacioso que cahiu varado no Terreiro do Paço. O rei não era bom. O rei não era amigo do povo, nem amigo da liberdade. Mas, sendo mau, não se pode dizer que fosse um miseravel. Nunca é um miseravel aquelle que se apresenta francamente a arrostar a responsabilidade dos seus actos. Mas os outros, os que foram cumplices em todos os seus attentados, os que subscreveram com a mais indigna subserviencia todos os seus actos, acabando não sómente por lançar sobre elle como pode exigir d'elle só toda a responsabilidade, essa sim, esses eram, são, verdadeiros miseraveis.

Digno de piedade, n'este instante, perante a consciencia, só existem aquelles que morreram. Não da piedade deprimente que resulta da compaixão. Mas da forte e honrosa piedade que resulta da justiça. Os que morreram como reis e os que morreram como revolucionarios. D'um e d'outro lado só esses appareceram, n'este meio ignobil onde é lemma a hypocrisia e regra a covardia, a assumir responsabilidades.

D. Carlos foi educado na mais calorosa, affrontosa, e, ao mesmo tempo, imbecil apologia, exaltação, desaforada propaganda do engrandecimento do poder real. Com essa apologia, com essa vergonhosa exaltação, com essa desaforada propaganda iniciou o seu reinado. Com essa apologia, com essa vergonhosa exaltação, com essa desaforada propaganda seguiu reinado adeante.

Mas quem a fazia? Era elle o apologista? Era elle o propagandista? Não. Os apologistas, os propagandistas, eram os grandes escriptores, os grandes jornalistas, os grandes politicos, os primeiros espiritos do seu tempo. Grandes á falta de gente grande. Grandes para as confrarias jornalisticas, para as confrarias partidarias, para todas as mais confrarias em que se divide de ha muito a sociedade portugueza. Mas pequenos, e bem pequenos, na realidade. Porque só ha grandeza quando ha pureza nos intuitos, verdade nas palavras e nos actos, elevação na idéa, largueza no pensamento. Quando intuitos, palavras, actos, pensamentos são postos ao serviço da grande causa da humanidade. E d'isso não ha nada em Portugal ha muitos annos.

O propagandista, o apologista, era Oliveira Martins, era Emygdio Navarro, era Antonio Ennes, Carlos Lobo de Avila, Ramalho Ortigão, Marianno de Carvalho. Era, até certo ponto, Guerra Junqueiro. Era, de certa forma, Eça de Queiroz. Era Fuschini. Era em parte Bernardino Machado. Era João Franco. Era Hintze Ribeiro. Era José Luciano. Era Alpoim. Era tudo. Eram todos.

Guerra Junqueiro escrevia na *Patria*, em 1906, quando já republicano: «Fôra o rei um homem, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão politica, da fórma de governo. Essencial, a fórma do governante.»

O que era isto, senão reforçar a theoria do engrandecimento do poder real? Não julgava Guerra Junqueiro o rei um homem. Mas julgava-se elle um homem, elle, o rei. Mas julgavam-no os seus aulicos. Desde que a questão era tirada do campo dos principios, tanta razão tinha Guerra Junqueiro como tinha o rei e os seus aulicos.

Eça de Queiroz não perdeu occasião de rebaixar o partido republicano, não como um democrata que fulmina um sophisma democratico, ou que lamenta a inferioridade do partido que com mais probabilidades do poder representa a democracia nacional, mas como um aristocrata que não vê com bons olhos as reivindicações populares. Depois de o ter amesquinhado nos *Maias*, ainda na *Illustre Casa de Ramires* põe na bocca do cavalheiro estas palavras: «Emquanto aos nossos republicanos, esses . . . Meu Deus! mera questão da Guarda Municipal! Portugal, nas suas massas profundas, permanecia monarchico, de raiz. Apenas ao de cima, na burguezia e nas escolas, fluctuava uma escuma ligeira, e bastante suja, que se limpava facilmente com um sabre . . .»

Questão de mera Guarda Municipal! Uma escuma ligeira e bastante suja, que se limpava facilmente com um sabre!

Podia pensar o rei d'outra maneira? E pensar como pensava o primeiro escriptor do seu paiz, não era arvorar-se em arbitro supremo, não era desembainhar o sabre para limpar a escuma suja, não era considerar-se a unica força d'esta terra?

Emygdio Navarro, tão injuriado, tão odiado pelos republicanos, mas exercendo sempre uma verdadeira seducção sobre os republicanos, e, por fim, pelos republicanos glorificado, cem vezes invocou a intervenção activa e energica do rei, com poderes dictatoriaes, como a unica força nacional, na politica portugueza. Cem vezes. Cem vezes lhe disse: «Mandae, Senhor, que só vós podeis mandar, que só vós tendes força para mandar.»

Mariano de Carvalho cem vezes proclamou, repetindo a phrase de Sampaio, *que só o rei tinha força n'esta terra.*

Hintze Ribeiro disse em plena camara dos pares, sendo presidente do conselho, e em resposta a um orador da opposição, que «o ministerio não dava ordens ao rei; recebia-as do seu soberano e executava-as.»

José Luciano, como creado do rei, e não como presidente de conselho em paiz constitucional, norteou todos os actos dos ministerios progressistas.

Alpoim desafiou, em 1897, os republicanos a sahirem para a rua com a sua projectada revolução, exultando com a idéa de que seriam esmagados, e affirmou mais tarde, no *Dia*, em discução com *O Debate*, que a monarchia fazia bem em fechar as portas do parlamento aos republicanos.

Todos trabalharam azafamada, servilmente e imbecilmente, por mais que o reclame pelintra os affirme grandes homens, na obra desastrada do engrandecimento real. Todos incitaram o rei a fazer politica pessoal. Todos o acompanharam e applaudiram nos seus attentados ás franquias populares. Que auctoridade tiveram, depois, para assoprar a tempestade contra o rei?

O rei ficou onde estava. O rei foi coherente. O rei continuou a sua obra, que era, juntamente, a obra dos outros, a obra que os outros insistentemente lhe aconselhavam. Os transfugas, os miseraveis, os traidores foram os outros. Traidores á nação, primeiro. Traidores ao rei, depois. Covardes, quando abandonaram a nação. Covardes, quando abandonaram o rei.

O rei, como a nação, foram victimas d'esses bandoleiros, d'esses salteadores sem alma. O rei não teria ousado aventurar-se nas suas manobras liberticidas, por mais que para ahi o arrastasse o seu temperamento, se em vez de sentir exaltar em volta de si, a *todos*, o *poder real*, se em vez de ouvir prégar, a *todos*, o engrandecimento d'esse poder, se em vez de o incitarem, *todos*, a intervir directamente como a unica força nacional, se em vez de *todos* amesquinharem, chasquearem, cuspirem a decantada soberania popular, um d'esses *immortaes principios* de que falam ironicamente não só os cynicos monarchicos, como os cynicos republicanos, visse, sentisse, ouvisse homens a dizerem-lhe, como os conselheiros de Affonso IV: «Senhor, é este o caminho. Senão . . .»

— Senão? . . .

— Senão, não.

O rei não teria ousado aventurar-se n'essas manobras. E elle e a nação seguiriam o curso normal da vida dos homens e das nações, sempre facil, quando os homens e as nações se entregam ao livre exercicio da pacifica evolução.

O rei não era bom. Mas tambem Affonso IV não era bom. E Affonso IV moderou-se perante a honrada e energica attitude dos homens que o cercavam.

Os conselheiros de Affonso IV a irem para as conspirações, e das conspirações para as revoluções, se Affonso IV desatasse o famoso dilemma pela continuação da sua vida de pandegas rasgadas, pela continuação do desprezo a que votava os negocios publicos e o reino, era coherente, era logico, e era nobre. Não podiam, nobremente, seguir outro caminho. Mas os conselheiros de D. Carlos a estigmatisarem-lhe o poder pessoal, depois de lh'o terem vivamente aconselhado, depois de lhe terem n'esse sentido lisongeado as tendencias naturaes, depois de terem sido os agentes brutaes d'esse poder, mas os conselheiros de D. Carlos a soprarem sobre elle todos os odios, a conspirarem e a incitarem contra elle as peores conspirações, é a maior vileza da nossa historia.

Porque se revoltaram contra D. Carlos os partidos monarchicos? Porque se sentiram gravemente ameaçados nos seus interesses.

O rei era interesseiro? E elles? Se a casa real tinha illicitamente recebido dinheiro do thesouro, quanto haviam recebido elles?

Os que mais receberam, d'entre os da propria casa real, eram precisamente os seus alliados na campanha contra o rei, porque era contra o rei, ainda que a disfarçassem com a capa João Franco, a batalha que se travava.

Nunca os da casa real que mais dinheiro exigiam, se lembraram do perigo que, satisfazendo essas exigencias, correria o reinante. Nunca os ministros se negaram abertamente a satisfazer ao rei e a toda a sua familia, as exigencias contrarias á lei. E como, se essas exigencias eram exactamente o pretexto para a satisfacção dos seus vicios, das suas paixões desordenadas, das suas proprias exigencias?

O rei não era bom. Mas seria a maior das iniquidades não affirmar n'este momento que, peor, muito peor do que elle, são as quadrilhas partidarias.

O rei não era bom. Mas o rei teve, até ao fim, o merito da franqueza e da coragem. Os miseraveis quadrilheiros não tiveram, não teem, merito nenhum. O rei era rei. E como rei comprehendia-se que luctasse pelas suas prerogativas, sempre oppostas ás franquias populares, pelos seus interesses, sempre antinomicos com os interesses do povo. Os seus conselheiros eram do povo, quasi todos. Eram pois elles os auctores da parte mais odiosa da traição.

Espectaculo repugnante, este dos verdadeiros traidores não só ficarem impunes, como apparecerem de rosto grave a empunharem a *vara augusta* da justiça!

E não se esqueça que ninguem mais insuspeito do que nós para dizer isto. Entrámos um dia no Paço sem curvar a cabeça. Não nos tremeram as pernas, nem as convicções, como o sr. João Chagas dizia que, ao defrontar-se com o rei, lhe tremeriam as suas. Não beijámos a mão ao rei, nunca, e eramos nós o unico, porque toda a gente que lá viamos lh'a beijava, e submissamente. Não praticámos o menor acto que se podesse dizer de fraqueza, e muito menos de servilismo. Nem por isso nos faltaram sorrisos amaveis, nem terceiras pessoas a relatar-nos a sympathia que suas magestades diziam ter sentido pela nossa pessoa. Era o processo da corrupção em pleno exercio. Que nos daria a commodidade, a abastança, a facil gloriola de todos os pulhas, se, por ventura, fossemos um pulha. Não o eramos. E como não o eramos, e como preferissemos ficar na nossa simplicidade e na nossa pobreza, e porque resistissemos aos processos de seducção até ao ponto de offendermos o orgulho realengo, fomos mettido duas vezes na prisão, processado, deportado e, por fim . . . inutilisado. Por ordem d'esse homem, d'esse rei, que cahiu varado, sabbado ultimo, no Terreiro do Paço.

Poderiamos ser amigo d'elle? Parece-nos que não! Mas acima de todas as amizades e de todas as inimizades está o dever de quem é forçado a pronunciar-se nos momentos solemnes.

Se ha momentos em que os homens, que manejam a penna, podem exercer as graves funcções de julgadores, esses momentos são estes. E nenhum odio, nenhum despeito nos levaria a deixar de dizer, em momento tão solemne, o que nos dictasse a nossa consciencia.

Singular situação a nossa, n'esta corrupta, n'esta inferiorissima sociedade portugueza. Porque não quizemos deixar-nos corromper pelo rei da monarchia, soffremos perseguições e incalculaveis prejuisos. Ulula contra nós a turbamulta demagogica, dirige-nos as mais graves ameaças, chega a lavrar a nossa sentença de morte, porque . . . não foram sobre nós mais efficazes os sorrisos amaveis de Bernardino Machado que os amaveis sorrisos de sua majestade a rainha. Porque com tanta firmeza resistimos aos processos de corrupção dos reis da republica, como aos processos de corrupção dos reis da monarchia.

Ah, só nós sabemos o nojo que nos inspira toda a canalha dirigente d'esta sociedade apodrecida! Canalha, sim, que não lhe quadra outro nome!

A tragedia do Terreiro do Paço foi a ultima demonstração da miseria moral e intellectual d'essa canalha. Foi a derradeira prova de que todos os partidos politicos, todos, são verdadeiras quadrilhas. Annos se gastaram a fazer do rei o que elle era. Monarchicos e republicanos affirmaram, propagaram, enraizaram as mais pavorosas heresias. Uns e outros, umas vezes directamente, outras vezes indirectamente, umas vezes conscientemente, outras inconscientemente, uns sabendo outros não sabendo o que faziam, estabeleceram e firmaram n'esta terra o regimen do arbitrio. Uns e outros pozeram de parte, em absoluto, por completo, os principios. Que dizemos? Desprezaram-nos, chasquearam-nos, cem vezes, mil vezes lhes cuspiram. Uns e outros só tiveram em mira os interesses materiaes e immediatos de facção, Uns e outros foram baixos, foram grosseiros. Para uns e outros só houve uma razão e um culto: a razão e o culto da força, a razão e o culto da violencia. Foram todos valentões, espadachins, desordeiros, homens dos ultimos extremos. Nunca homens de verdade, de justiça, de principios. Todos os inimigos eram salteadores, emquanto inimigos. Todos se convertiam em patriotas e honrados logo que passavam a ser amigos.

N'essa derrocada moral e intellectual se passou um reinado. N'essa derrocada moral e intellectual se formou um rei. O que havia de ser o rei? E se o rei era o producto do seu tempo, que tem tinha auctoridade para estigmatisar o rei?

Não. O rei foi o unico coherente. O rei foi o unico que ficou fiel aos principios que envenenaram e envenenam a sociedade portugueza. O rei foi o unico, que teve o decôro preciso para não fugir ás responsabilidades. Não era bom. Mas no meio dos seus defeitos teve ao menos essa dignidade. Os outros foram uns miseraveis aventureiros.

Sem nos descobrirmos, olhamos com recolhimento sentido, e piedade, todos esses cadaveres. Porque se o rei foi o unico que, dentre os monarchios, teve plano, e coragem para executar esse plano, os que o mataram foram os unicos que, dentre os republicanos, tiveram plano, e coragem para executar esse plano.

O rei foi a victima do desvairamento monarchico. Os que o mataram foram as victimas do desvairamento republicano. O rei foi o resultado da propaganda de força e violencia dentro da monarchia. Os outros prégaram. Elle executou. Os que o mataram foram o resultado da propaganda de força e violencia dentro do campo republicano. Os outros prégaram. Elles executaram.

Tiveram o seu plano. Plano monstruoso, mas plano, em todo o caso. Cançados de conspirações estereis, aborrecidos de revoluções sempre promettidas e sempre adiadas, audaciosamente, horrivelmente, se ab dançaram ás ultimas illações. Morta toda a familia real, a republica seria um facto indiscutivel. E a familia real estava alli, toda, n'aquella tarde de tragedia, reunida!

E' horrivel. Mas... mas é o facto!

Eu detesto os fanaticos. De qualquer egreja, religiosa ou politica. Mas sinto respeito por todas as victimas.

Os desgraçados que mataram foram victimas, como o rei, das quadrilhas politicas. Como o rei, mais do que elle, tiveram a coragem dos illuminados. Porque fizeram voluntariamente o sacrificio da vida.

A minha revolta não é contra elles. E' contra a canalha que atira a pedra, escondendo a mão. E' contra os hypocritas. E' contra os miseraveis que, incapazes de arriscarem um cabello, excitam aquelles temperamentos. Emfim, é contra as quadrilhas politicas.

Que teem sido, e continuam sendo, a ruina d'este paiz.

Oxalá que esta verdade chegue a ser comprehendida.

Cá estão elles!

Recebemos esta carta:

Homen Christo:

Ainda se não acabaram em Portugal as terriveis *Associações* distinadas a castigar os infames calumniadores!

Este é o ultimo aviso que recebes. Acaba de ser lançado sobre tua cabeça a sentença que mereceis!

Não escaparás ficae certo.

Continuae na infame senda que trilhaes.

Este é o ultimo aviso!

Cá estão elles. E nem sequer sabem escrever, os miseraveis!

Chegou o momento! Já o orgão official da prostituição republicana havia annunciado que o governo nos tinha tirado de ao pé da porta o . . . policia!

Chegou o momento!

E é assim que estes pulhas, estes grandes pulhas, n'um paiz de covardes como este, teem mettido medo a toda a gente.

Pois amiguinhos, para cá . . . não péga. Aqui não ha, nem nunca houve, medo da *carabina do Buissa*.

Grandes pulhas! Bastou saberem, *palpitarem*, *presentirem*, que nenhum se metteria comnosco, fosse como fosse, sem perigo de lhe saltarem os miolos, para que nenhum nos apparecesse.

Capazes de todas as traições, e de todos os crimes a occultas, não são capazes de um unico acto corajoso pela frente.

Tentando esconder a sua abjecta covardia em allegações de *desqualificação*, e outras que nos dirigem, e que elles a cada passo desmentiam, e desmentem, dando-nos a importancia que nunca deram a mais ninguem n'este paiz, só conseguiram deixar bem patente a sua infamia, a sua vileza, a sua abjecta e repugnante covardia.

Os ultimos dos covardes! Os ultimos dos pulhas!

O que admira é que ainda haja quem tenha medo d'estes grandes maltrapilhos.

E' então o *ultimo aviso?*

Pois está dicto. E agora calha, *que já cá não está o policia.*

Quando quizerem, appareçam.

Os da Guarda

Contam de todo o paiz coisas pavorosas. E' uma verdadeira quadrilha em liberdade! Mas sobrelevam as façanhas do malandrão (como a si proprio se definiu) do Julio Ribeiro, e camaradas.

E' governador civil da Guarda o celeberrimo Motta Veiga. E' governador civil substituto o celeberrissimo Alberto Silva. E é administrador do concelho o celeberrão Julio Ribeiro.

Um exercito de facinoras é menos prejudicial que estes tres bandidos *de vara na mão.*

O que não ha de ir n'aquella Guarda!

Para definir Teixeira de Souza, a sua politica, a sua moral, bastam as auctoridades que o representam por esse paiz fóra.

Em Evora, o Soeiro!

Em Bragança, o Louza!

E na Guarda... os celebres, celeberrissimos e celeberrões que ficam citados.

E assim tudo. Em Aveiro o Faz Poeira, em Coimbra o Jardim e... assim tudo.

Ah, João Franco, João Franco! Nunca a historia te perdoará teres deixado estes bandidos fóra da Penitenciaria!

Ainda assim, estás vingado.

A republica esteve ameaçada do grave risco do Alexandre Braga não ser proposto deputado. Foi proposto.

E para as outras eleições será proposto, com elle, o Leandro, que o malandrão do Fernandez acaba de «rehabilitar».

E com o Fernandez ha de ser o que fôr. E' tão patife que a estas horas já lhe deitou o olho . . . o Affonso Costa.

O Affonso Costa deve precisar d'aquelle malandrão para completar o seu «patriotico grupo democratico».

Com o Fernandez . . . fica exacto.

O REGICIDIO

A amnistia parece certa. E empregam-se os maiores esforços para que ella abranja o regicidio. N'este caso o rei não pode deixar de ser deposto. E se não ha outro recurso, venha a republica!

Estamos já farto de dizer, ainda hoje o dizemos em varios pontos d'este semanario, que *não queremos* abrir campanha contra o rei. Não embirramos com o rei, não embirramos com a rainha, não queremos mal ao rei nem á rainha, achamos inconvenientissima a quéda da monarchia n'este instante, e o paiz precisa de paz e socego, não d'agitações ou ambições. Estas são as nossas opiniões. Estes são os nossos sentimentos. Não haja a menor duvida a tal respeito. Mas se o rei não fôr a garantia de socego, de paz, ordem, estabilidade, que o paiz deseja e reclama, que remedio senão depo-lo?

A amnistia será, em todos os casos, um escandalo. Um attentado á justiça e ao decoro publico. Um novo incitamento á desordem. Mas se abranger o regicidio será um verdadeiro crime.

Todos os paizes põem o maior cuidado em decretarem a amnistia de forma que ella não pareça, em vez d'um acto de clemencia, um acto de fraqueza. Portugal faz o contrario. Precisamente o contrario!

A amnistia, agora, quer dizer que a monarchia não tem força para fazer cumprir os castigos applicados aos jornalistas revolucionarios e aos homens das associações secretas. Ora uma amnistia n'essas condições produz effeitos contraproducentes. E' recebida á gargalhada. E' comica. E' indigna.

O fim da amnistia é acalmar os animos. E' conduzir a paz aos espiritos perturbados pelas paixões politicas. Mas, evidentemente, só o consegue, quando leva á intelligencia dos amnistiados a convicção da força de quem amnistia. D'outra forma, causa indignação. Como todas as comedias. E' uma entrudada.

Os revolucionarios, conscios da sua força, ou da fraqueza do adversario, depois de se terem rido continuarão, cada vez mais, a insultar, a injuriar, a conspirar. Cada vez mais. Não perderam nada. Ganharam tudo. A monarchia, pelo seu lado, não ganha nada. Perde tudo. Perde pela força que o espectaculo degradante da sua fraqueza vae dar aos revolucionarios, os quaes, por essa mesma fraqueza, crearão novas audacias. Perde pela irritação que, contra si, vae provocar em todos os partidarios da ordem e do espirito d'auctoridade. E perde, porque tira o desejo de a servirem a todos os funccionarios.

Os funccionarios que procederem contra os discolos ficam, evidentemente, desauctorisados, desprestigiados, compromettidos. Do seu zelo não resulta senão ficarem sujeitos aos odios, ás chufas, aos dichotes, aos insultos da vasa revolucionaria.

E' enterrar em lodo a causa da ordem publica. E' arrastar pela lama o espirito d'auctoridade.

Um acto d'esses só o pratica uma besta ou um traidor.

Teixeira de Souza é uma besta? Teixeira de Souza é um traidor?

Não é propriamente um traidor. Mas uma besta, é. Uma besta e um especulador.

Uma besta! Conheço muito bem o valor das intelligencias d'esta terra, sobretudo das que são feitas á custa do reclame politico.

E' uma besta. Não passa d'isso. E um formidavel especulador. Não tem convicções nenhumas. Nem republicanas, nem monarchicas. Não tem amor a coisa nenhuma, a não ser á vaidade de mandar. E para mandar, por um dia que seja, ou por mais uma hora do seu consulado, não hesitará em deitar fogo a Lisboa se d'ahi não lhe resultar perigo de ir parar á Penitenciaria.

Esses exemplares de politicos, puros exemplares de banditismo, abundam por cá.

Isto dicto em relação á amnistia, em geral.

Mas que dizer em relação ao regicidio?

Primeira coisa a discutir: o regicidio é um crime politico ou é um crime commum?

Eu não tenho estudado esses assumptos. Mas acho espantoso que se considere o regicidio um crime politico. Então fica a vida do rei abaixo da vida do ultimo homem. Pode lá ser!

Se o regicidio é um crime commum, não sei como possa ser abrangido pela amnistia. Mas o que sei é que ha o *maior empenho* em passar, definitivamente, uma esponja por cima do caso. O maximo empenho! O que prova logo, á priori, que a morte do rei não foi obra, como pretendem os especuladores, *só* do Buissa e *só* do Costa. Se tivesse sido obra *só* do Buissa e *só* do Costa, para que tanto empenho em passar uma esponja sobre o caso?

A morte do rei foi obra de um *complot*. Manifestamente! Evidentemente! Ha mais de duzentas pessoas em Portugal que conhecem todas *as minuciosidades d'esse drama*. Estamos convencido d'isto. Não as podemos indicar uma a uma. Não indicariamos nenhuma, porque não conhecemos *factos precisos* que o podessem justificar. Mas que ha mais de duzentas pessoas que conhecem *todo o enredo* da peça, isso ha.

Ora, n'estas condições, comprehende-se quanto seria monstruoso *pôr o regicidio de parte*. Archivar o processo, pode ser, porque isso não impede de *a todo o tempo* recomeçar. Mas a amnistia seria uma verdadeira monstruosidade.

Ainda se o crime datasse de muitos annos!... Mas o crime foi hontem. Conhecido por *muita* gente, em todas as suas minucias, quem garante que amanhã se não faça sobre elle inteira luz? Um acaso, o mais ligeiro incidente, um nada, o pode desvendar.

Diz-se que o rei não tem o direito de recusar a sua assignatura a um projecto ou decreto que lhe apresente o governo. Isso é um sophisma manifesto. Tem tal. D'outra forma, como poderia o rei ser a chave de todos os poderes? Como poderia elle exercer as suas funcções de regulador, d'arbitro? Como poderia elle dar ou negar confiança aos ministerios?

Ou o ministerio acceita ou não acceita as observações feitas pelo rei a qualquer decreto. Se as acceitar, está bem. Se as não acceitar, o rei põe a questão de desconfiança e está tudo acabado.

Pois o rei pode oppor o seu veto ás leis votadas pelas camaras, e não pode recusar a sua assignatura a um decreto ministerial?

Se o rei assignar a amnistia, é *porque quer*. Fe-lo com pleno conhecimento. Fe-lo com plena responsabilidade.

Não sejamos tolos. Não nos deixemos illudir por *sophismas*, nem por *cantatas*. Nem por mentiras. Nem por convenções estupidas. Saibamos marchar por caminho direito, direitos á verdade.

O rei assigna a amnistia, excluido o regicidio? Praticou um acto impolitico, attentatorio da dignidade do poder, contrario ao espirito de auctoridade, fomentador da desordem. Um acto gravissimo, nas circumstancias actuaes!

O rei assigna a amnistia incluindo o regicidio?

Pratica um crime: Como rei, como homem, como cidadão.

Sem querermos mal ao rei, é preciso dizer-lhe as verdades.

O rei é um homem honesto. Parece ter boas intenções. Mas não basta. Se lhe faltarem outras qualidades, o paiz não tem remedio senão procurar quem o sirva melhor.

Reunam-se os homens intelligentes, continuamos a aconselhar, os homens de caracter, os homens fortes, os patriotas, em conclave secreto, *para o que der e vier*, porque isto está cada vez mais grave.

Cada vez mais grave!

De Nenhures

22 de Julho

O culto da arvore nunca existiu em Portugal, como nunca existiu culto nenhum. A não ser o da ladroeira. Esse é innato!

A Italia tem o seu *castanheiro dos cem cavallos*, assim chamado porque a rainha Joanna d'Aragão, surprehendida um dia no Etna por uma terrivel tempestade, abrigou-se dentro d'elle com cem cavalleiros que a acompanhavam.

A Hespanha tem o seu *carvalho de Guernica*, a cuja sombra se reunia, de dois em dois annos, para votar, a assembléa provincial de Biscaya, e junto do qual, em 1476, Fernando e Izabel juraram manter os *fueros*.

A França teve o *carvalho de Vincennes*, e tem ainda o *carvalho de Allouville*, o *carvalho de la Cuve* e o *carvalho de Rollon*.

Era ao pé do *carvalho de Vincennes* que S. Luiz, cercado da sua côrte, dava audiencia aos que lhe queriam falar.

A Inglaterra, entre muitas outras arvores historicas, religiosamente conservadas, tem o seu *carvalho do rei Etienne*, assim chamado porque, segundo a tradição, foi junto d'elle que aquelle rei matou um *veado gigantesco*.

Toda a gente culta conhece, historicamente, os famosos cedros do Libano, que passam, os raros exemplares que ainda existem, por contemporaneos de Salomão; o celebre cedro do *Jardin des Plantes*, em Paris, que se diz Bernardo de Jussieu ter levado para alli de longes terras, privando-se, durante a viagem, da agua da sua ração, para o regar; as decantadas oliveiras de Gethsamani, o loureiro d'Isola Bella, a tilia de Morat, os castanheiros de Robinson, o platano de Bujudkdéré, a macieira de Newton.

Foi debaixo d'esta macieira que Newton, estando deitado, e vendo cahir uma maçã, concebeu, diz-se, a primeira idéa da gravitação universal.

Foi á sombra do loureiro d'Isola Bella que Bonaparte jantou, trez dias antes da batalha de Marengo, gravando na casca do loureiro, entre o segundo e o terceiro serviço, a palavra italiana *battaglia*.

A tilia de Morat, na Suissa, perto de Friburgo, foi plantada no dia da batalha de Morat, e debaixo d'ella, no seculo XVI, se reunia um tribunal de justiça.

A' sombra do platano de Bujudkdéré, celebre em todo o Oriente, e situado, descrevem os diccionarios, n'um valle delicioso, a 12 kilometros de Constantinopla, se elevou a tenda de Godefroy de Bouillon.

Alem do culto historico, por meio da arvore, o culto da poesia, do amor, do sentimento.

E' cercada de universal respeito, na Inglaterra, a famosa faia de Binfield, porque foi á sombra d'ella, onde Pope, desde os 12 annos, ia repousar, que o celebre poeta inglez, auctor da *Floresta de Windsor*, compoz a sua *Ode á Solidão*.

Mergulhando o olhar no formoso valle que se estendia a seus pés, disse um dia Napoleão, em Santa Helena: «Se eu tiver de morrer n'este rochedo, que me enterrem ao menos sob aquelles salgueiros, ao pé das aguas d'aquelle regato.»

Os amigos de Napoleão conseguiram que os desejos do grande general fossem cumpridos. Lá esteve sepultado longos annos, até ser transferido para Paris.

Alfredo de Musset tinha escripto:

Mes chers amis, quand je mourrai,
Plantez un saule au cimetière;
J'aime son feuillage éploré;
La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
A la terre où je dormirai.

Os seus amigos piedosamente cumpriram os desejos do poeta. Lá está um salgueiro chorão,

no Père Lachaise, sobre a sepultura de Musset.

O *loureiro de Virgilio*, plantado, diz-se, por Petrarcha sobre o tumulo do poeta de Mantua, desappareceu com as guerras do seculo passado. Foi substituido por um novo loureiro que Delavigne plantou com as suas proprias mãos.

O culto das arvores symbolicas remonta á mais alta antiguidade. Ha quem pretenda que foram ellas os primeiros templos. Cada divindade tinha a sua *arvore sagrada*. Jupiter o carvalho, Apollo o loureiro e a palmeira, Minerva a oliveira, Venus a tilia e a murta, Bacho a vinha, Hercules o alamo, etc.

A Revolução não destruiu esse culto. Mudou-lhe o nome, a fórma, como em tudo o mais. Em 1790 começou a plantação da arvore celebre da *liberdade*. Junto da *arvore da liberdade*, que se propagou tanto que em 1792 havia mais de sessenta mil, iam os camponezes queimar os titulos senhoreaes.

Por um decreto de 22 de janeiro de 1794 (3 de pluviôse do anno II), a Convenção regulamentou o uso das arvores da liberdade, cuidadosamente tratadas pelas populações locaes, que se reuniam á sombra d'ellas para prestar o juramento civico e para outros actos importantes.

Atraz da arvore da liberdade veio a *arvore da fraternidade*, das quaes as mais celebres foram as da praça do Carrousel, consagrada a 28 de janeiro de 1793 perante a communa e as auctoridades de Paris, e a da fronteira franceza do cantão de Genebra, em testemunho da concordia entre os cidadãos dos dois paizes.

Sob o imperio, a *arvore da liberdade* converteu-se na arvore de Napoleão, voltando a ser mais tarde, com a Revolução de fevereiro, as que escaparam da destruição ordenada pela Restauração, outra vez a *arvore da liberdade*.

As arvores geralmente escolhidas para arvores da liberdade eram o carvalho, por causa da sua belleza e da antiga tradição gauleza, e o alamo, por causa do seu nome—*populus* (povo).

Em Portugal não houve nunca nem a arvore symbolica, nem a arvore historica, nem a arvore piedosa ou respeitosamente conservada em recordação de um môrto. Confrange vêr que nenhum sentimento subtil, nenhum ideal, nenhum culto esthetico, nenhuma tradição honesta ou intelligente occupa a alma ou a cabeça d'este povo. Dir-se-hia que passou por esta terra um sopro do inferno.

Lá fóra, nos paizes cultos, reunem-se cuidadosamente todos os elementos que possam manter viva a recordação do passado. Pensa-se, e muito bem, que a vida dos povos, como a vida das familias, não é mais que uma modificação imposta pela necessidade e pelo tempo, pela evolução necessaria dos sentimentos e dos costumes n'um modo de ser persistente e continuo. Quebrar a tradição é quebrar o fio d'Ariadne que nos conduz atravez do labyrintho da vida.

Eu vi em Berne, na capital da Suissa, o cuidado, o meticuloso cuidado que havia em conservar a cidade antiga. Abriam-se alamedas, erguiam-se palacios e monumentos grandiosos em volta da cidade antiga. Mas a cidade antiga ficava, como um monumento piedoso e instructivo de respeito e de amor pelo passado. Piedoso, instructivo, necessario.

Eu vi a Suissa cheia de museus onde se accumulava tudo quanto podesse dar idéa da historia, dos costumes, da vida do passado.

Se não ha o mesmo cuidado rigoroso na Italia e na França, ha, pelo menos, a mesma tendencia accentuada e o mesmo proposito. Nenhum povo progressivo e culto do mundo deixa de affirmar a sua *personalidade historica* na vida das nações. E para affirmar a sua *personalidade historica*, para demonstrar o *seu modo de ser caracteristico*, o *seu caracter*, não apaga, mas aviva, os traços do passado. Apagar o passado é tornar-se amorpho, incaracteristico, banal, estupido.

E' o que vem succedendo, ha muito, a Portugal. Pelo meu fervor patriotico quero constantemente considerar esta raça uma raça de valor. Mas não posso deixar de reconhecer e confessar que os factos me desmentem a toda a hora.

Para enganarmos a consciencia—quantas vezes o tenho feito!—allegamos a ignorancia do povo. Mas as grandes brutalidades nacionaes não são praticadas pelo *povo analphabeto*, o povo profundamente ignorante, mas pelas *classes cultas*. São estas, teem sido e são, as classes vandalicas, as que estupidamente, bestialmente, fizeram taboa rasa do passado, despedaçaram toda a nossa tradição. O que representa isto? O que quer isto dizer? Infelizmente, só representa estupidez. Só quer dizer que a nossa inferioridade intellectual é manifesta.

Quem nos tem desnacionalisado tem sido a besta do jornalista, do parlamentar, do homem de lettras, do politico. E dizendo estes, dizemos quasi tudo quanto em Portugal traz gravata ao pescoço. Teem sido elles nos municipios, no parlamento, nas secretarias d'estado, na factura e forma intima dos livros, na propaganda da tribuna e da imprensa, já adoptando imbecilmente tudo quanto surge lá fóra com *marca de progresso*, sem olhar a differenças de condições, d'educação, de temperamento, de meio, já plagiando ou imitando idéas e palavras, sem crear, sem individualisar, já tratando com o mais profundo desprezo todos os elementos moraes e materiaes da vida nacional, já fazendo propaganda intensa, destruidora, animalesca, contra todas as coisas do passado.

Elles destruiram ou damnificaram gravemente os monumentos. Elles destruiram ou damnificaram gravemente o typo das cidades. Elles destruiram os trajos. Elles acabaram com costumes e usos tradicionaes. Elles destruiram o modo de falar e o modo de escrever, tirando toda a esthetica á escripta, toda a correcção ao falar, adoptando a esmo, cavalarmente, todos os termos que lhes vieram á cabeça, proprios ou improprios, intelligentes ou asnaticos. E até, para cumulo, elles alteraram a paizagem e a atmosphera nacional!

E' difficil chegar a tanto. Poderia mesmo parecer impossivel que se chegasse a tanto. Alterar a paizagem! Alterar a atmosphera! Pois é um facto, que se explica em duas palavras. Destruidas as florestas, abatidas as arvores dos campos e das estradas, arrancados os comoros, as balsas, os vallados, assoreados os rios pela descida das terras e despojos das montanhas, está alterada a paizagem, está alterado o regimen das aguas e das chuvas, está alterada a atmosphera. Como, se tivermos tempo e pachorra, com mais largueza demonstraremos na carta immediata.

Já agora é bom que saibamos todos os beneficios que devemos á besta *libaral* e civilisada. Não é á monarchia, como pretende a besta... *aperfeiçoada*. Como se n'este paiz houvesse mais do que bestas, isto é, republicanos ou monarchicos! E' á besta *libaral* e civilisada, a besta *dirigente*, que tendo sido muito peor na monarchia constitucional que no absolutismo, já está sendo muito peor na republica que na monarchia constitucional.

Em Portugal, por uma excentricidade, um capricho ou um castigo da natureza, não se faz a evolução do homem. Faz-se a evolução da besta. E no sentido regressivo. De burro trabalhador e manso passámos a onagro. Ocioso e bravo!

C.

Aprendizes de typographo

Acceitam-se, no «Povo de Aveiro».

A logica dos pulhas

Lemos no *Liberal* que o governador civil da Guarda, o celeberrimo Motta Veiga, chamando ao seu gabinete um official do governo civil, que não é regenerador, e que tem influencia eleitoral no concelho da Guarda, lhe dissera:

— Se trabalhar contra o governo, é demittido.

Egual procedimento teve com outro empregado o governador civil d'Aveiro.

Dizia-se, mesmo, disse-o a *Beira Mar*, que o governador civil d'Aveiro havia intimado o seu subalterno *a não votar* contra o governo. As gazetas affectas ao governador civil limitam-se, porem, a confirmar, *apenas*, a primeira parte, isto é, Vaz Ferreira não intimou o subalterno a dar o seu voto, d'elle subalterno, ao governo; intimou-o, sómente, *a não trabalhar contra o governo*.

Está bem. Isto serve para as considerações que temos a fazer.

Portanto, a moral Teixeira de Souza é que um funccionario publico *não pode* fazer propaganda contra o governo.

E contra as instituições?

Olhem que é admiravel e só em Portugal se vê!

Contra as instituições podem. Isso nem se discute.

Até podem injuriar o rei! Até podem matar o rei! E a prova é que Teixeira de Souza vae impor ao rei a amnistia!

Ainda agora em Lisboa um lente da Escola Medica do Porto disse contra a monarchia o que Mafoma nunca foi capaz de dizer contra o toucinho.

Prégou a destruição da monarchia. Incitou á rebellião. Considerou a rebellião não só um direito como um *dever civico*.

Affirmou, jurou, bateu com os pés e com as mãos no sobrado que não haverá salvação possivel para esta terra emquanto não fôr queimado o throno e as suas cinzas dispersas ao vento.

Nas mesmas theorias abunda, e as mesmas theorias prega, barba hirsuta, de furia, e cabello desgrenhado, o n.º 1, o rei dos bandidos, o famoso Affonso Costa.

Como aquelle professor, como este professor, todos os professores, todos os funccionarios que professem as *sublimes doutrinas democraticas*. Ahi estão orgãos do sr. governador civil de Aveiro a berrar que foi uma grande pouca vergonha transferir, *pelo nefando crime de serem republicanos*, os empregados do correio d'esta cidade.

Não ha, pois, duvidas. Não as pode haver a tal respeito. Contra o rei, contra as instituições, contra a monarchia, propaganda á vontade. A' vontade, rapaziada, que se houver perigo lá está o patrão com uma amnistiasinha para vos salvar!

Força na monarchia, força no rei, rapaziada! Não tem duvida, mesmo que no calor da refrega surja um tiro ou uma facada. O patrão acode com o remediosinho e fica logo tudo sanado.

Força, dae-lhe de rijo, rapaziada. Mas com o governo regenerador . . . cuidado!

Com a campanha contra a monarchia não perde nada a quadrilha do regulo de Alijó. Até ganha! Mas com a campanha contra o governo, alto lá! que ficam os interesses dos quadrilheiros prejudicados.

Que grandes malandros!

E' a moral de bandido, *correcta e aperfeiçoada*.

Que grandes malandros!

E não querem que digamos que *só a tiro!*

Pois como ha de ir isto senão a tiro?

E nem a tiro. Só um fogo do céo, chuva de cinzas, camada de lava, ou o oceano atlantico crescendo e sepultando tudo isto debaixo das aguas.

Até o Zé Gatuno — coherente é elle — já descompõe, pela audacia de condemnarem os republicanos, os juizes e delegados da Boa Hora!

Segundo o orgão official da prostituição republicana, o illustre ministro da guerra *[Papa-feijão]* vae nomear o sr. Abel Botelho director do Collegio Militar. E, a proposito, o orgão dos Margaridos (e já não é a primeira vez) tece os mais rasgados elogios ao sr. Abel Botelho.

Já não é a primeira vez!

Sabido que o orgão dos Margaridos nunca elogia senão os que, de fabrica coberta ou descoberta, estão ao serviço da republica, querem vêr que o amigo Abel Botelho voltou á *casa paterna*, como... o filho prodigo?

Ai, Abel, que déste raia! Porque apesar do D. Manuel ser, coitado, um pobre homem, **ella** ainda não vem... d'esta vez.

E já não podes voltar atraz! Já estás muito... conhecido!

Déste raia, Abel!

Coisas militares

Vou tentar a sensibilidade do tympano de s. ex.ª o ministro da guerra. E' um bote dirigido á sua consciencia de magistrado, entalado entre as conveniencias do paiz e os mesquinhos interesses do egoismo humano. Estes brados da imprensa deviam ser inusitados, se o ambiente, que respiramos, não estivesse todo saturado do maldito microbio das funestas condescendencias, dos favores politicos, d'esse cortejo emfim de miserias sociaes de uma collectividade invadida até á medulla dos ossos dos abusos, vicios e illegalidades proprias dos povos decadentes ou desorganisados.

O que se vê entre nós, difficilmente se encontrará em parte alguma, com a aggravante da estolida indifferença, da accommodação facil a situações repugnantes pela desfaçatez e immoralidade.

Este sacudir de hombros, esta *sans façon*, o despudor de uns e o indifferentismo idiota dos outros, é a nota para mim impressionante e desalentadora. E ha sociologos tão parvos, que comparam uma nação a um organismo. Sel-o-ha n'outras partes; aqui não. O organismo defende-se, debella todas as causas de morbo ou de destruição; nós entregamo-nos boçalmente a quem nos quer explorar. Rendemo-nos, não luctamos.

Isto vem a proposito de uma das muitas singularidades d'este burgo transmontano, chamado, por irrisão, capital do districto; mas roça, sertão, senzalla é que elle é. Foi qualquer ministro rotativista o creador dos celebres commandos de brigada. Para os proprios militares insuspeitos e com maioria de rasão ainda para nós, que pagamos este luxo todo, a funcção é nulla ou quasi nulla, e a posta choruda. Se algumas duvidas houvesse sobre isso, bastaria attender ao facto transcorrente na brigada com séde em Bragança, mas com o brigadeiro residindo em Villa Real. Faz-me lembrar o que se passou em qualquer possessão nossa com um medico de serviço no respectivo hospital. Como se tivesse declarado uma epidemia, o bom do doutor, querendo pôr a pelle no seguro, quando em visita, tomava o pulso aos doentes de fóra das janellas com o que? . . . imaginem se são capazes . . . com a ponteira da bengala. Eis o que não lembrou nem a Molière para acabar o retrato do seu medico. D'onde, seja dito entre parenthesis, se vê, que ha situações reaes mais inverosimeis, que as imaginarias.

Pois o nosso felicissimo brigadeiro não fica atraz do esperto medico. Não; leva-lhes as lampas, porque domicilia em Villa Real lado a lado com outro mais cathegorisado general, e de lá commanda as forças aquarteladas em Bragança! Uma solemnissima patuscada! Por onde se pode concluir, que não foram creados os brigadeiros para as brigadas, mas as brigadas para os brigadeiros. Que é o que deve ser no reino da parvonia.

E depois não querem que a gente diga nada; estranham a interferencia paisana n'estas singulares situações; pretendem, ao que parece, estender um cordão sanitario entre a classe e o resto do paiz, que a isole e a torne intangivel e sapada. Eu quero tambem, que aos outros mimos, que o thesouro lhes faz, lhes faça mais este; mas preferia que o *Diario do Governo* decretasse o privilegio da multilocação para os srs. brigadeiros, porque assim ao menos salvava-se o sizo e a gravidade nacional. E não ha nada mais contrario ao respeito devido a uma instituição do que o ridiculo e o descaro.

Quando anomalias e escandalos d'esta ordem estão patentes aos olhos de toda a gente, a logica arrasta longe, muito longe. Evidentemente auctorisa a suspeita, de que as irregularidades occultas são aos montes e enormes. E' o caso da donzella, que perde o pudor; talvez seja virgem e ninguem o acredita. Veja pois o sr. ministro da guerra, que já encontrou este monstruoso conchavo, se acode ao rombo feito na respeitabilidade da corporação a que preside.

Não haverá em que empregar os 50 contos, gastos com as brigadas, em outras verbas do ministerio da guerra? Será tão pingue o mealheiro, estará tão bem guarnecido o arsenal, que possam dispensar-se esses 50 contos annuaes, e atiral-os ás fauces de officiaes que vegetam na indolencia, como frades bernardos do tempo, refastelados nas suas poltronas, contando para passar o tempo o numero das espiraes de fumo de seus charutos? E' demais; o tempo não vai de feição para symbolismos caros e inuteis. Não. Todo o paiz civilisado é uma vasta officina de trabalho, onde se bate moeda a gotas de suor, e a justiça applaude a retribuição proporcional á utilidade e grandeza da funcção. Não se pode ouvir sem fremitos e reluctancia invencivel o zumbir agudo, apressado e estridulo das abelhas obreiras, egualado com o vôo indolente e arrastado dos negros zangãos. Haja decencia e vergonha. Esperamos que o sr. ministro da guerra attenda as nossas justas reclamações. O melhor era supprimir taes sinecuras e aproveitar essa economia em compra de material ou em obras de defeza, de que tanto carece o paiz; mas se s. ex.ª quer que a lauta meza de Balthazar continue, que continue; mas então que ao menos o feliz mortal tome o seu logar, e não esteja com o garfo lá em Villa Real, e levante o naco da brigada de Bragança. Isso não.

N.

CARTAS LISBOETAS

21 de julho

O caracter ligeiramente combativo d'estas cartas...

Mas, meu amigo, não exagére, oiça, antes, duas razões.

Não se fez programma, é certo, quando se começou p'r'aqui a rabiscar estas notas de impressionismo, um pouco *à la diable*, sem pretensões de doutrinarismo pedantesco e sem ancias de réclamo.

Mais do que cartas lisboetas devêra esta secção chamar-se notas lisboetas, mas porque ás de Anselmo o titulo nos poderiam accusar de irmos buscar, como o sr. Mayer Garção pela suas notas á margem, da reminiscencia, por certo, das que na *Semana*, do Rio, o já morto, distincto Valentim de Magalhães escrevêra, vá de por de parte a ideia.

Começámos a rabiscar estas notas para dizer aos leitores do *Povo de Aveiro* a impressão de um ou outro successo d'esta sociedade que por mais interessante tivessemos, sem nos preocupar absolutamente nada que agradasse ou não agradasse a destrambelhada forma litteraria, cheia de extrangeirismos e reticencias, com periodos arrevezados e, por vezes, não poucas, syntaxes de arrepiar os nervos, e fizemo-lo na intenção modesta de alguma maneira contribuirmos para a acção combativa do semanario.

Não dissémos sequer que a nossa collaboração era independente da orientação do *Povo de Aveiro*, não affirmámos que nada tinhamos que vêr com a politica...

Para quê? Não somos politico, cremos que o não seremos nunca, e se algum valor temos é o de termos sabido passar por meio de toda essa tropa fandanga sem, ao menos, nos sujarmos com o contacto.

Um dia perguntaram-nos como justificavamos a nossa collaboração n'este semanario, qual o nosso intento trabalhando ao lado de Homem Christo... Perguntaram-nos extranhando, sabido que poderiamos ter procurado a companhia de quem os «ajudasse a subir», o que, sabe-se, não é difficil n'este paiz de compadres... Não respondemos, sequer, porque só a nós damos conta dos nossos actos e a mais ninguem.

Porque não entrâmos em conluios com ninguem e sem recursos proprios que nos garantam uma vida de independencia, sem o canudo que nos habilite a advogar, sem a *carta* que nos garanta o exercicio da clinica ou da alveitaria, é-nos indifferente que os chamados nossos amigos sympathisem ou não com a nossa attitude.

Andámos em Coimbra, pertencemos á malograda geração da gréve, fomos grévista, grévista ficámos, até ao fim, não trouxémos de Coimbra o canudo, mas só uma vez, uma vez unica, tivemos pena de não havermos sahido de Coimbra bacharel.

Foi agora, por não podermos ir a Aveiro pôr a nossa descolorida palavra ao serviço da defêza do director do *Povo de Aveiro*, processado pelos monarchicos por ser republicano, depois de haver sido processado pelos republicanos á sombra d'uma lei de imprensa feita pelos monarchicos contra os republicanos.

Foi agora, sim, por não podermos explicar, diante do tribunal, decomentadamente, o valôr da obra de propaganda do jornalista que dirige este *Povo de Aveiro*, por não nos ser permittido, difinindo claramente situações, desfazer a obra de acintosa calumnia levantada, tramada contra o homem energico que tão injustamente tem sido tratado pelos poderes publicos do seu paiz...

Porque, por mais grave que fosse a vontade dos agentes da accusação, a verdade haveria de sobresahir nitida, a verdade dir-se-hia toda, custasse o que custasse, doêsse a quem doêsse. Haviamos nós de faze-la sobresahir, sosinho, muito embora, contra todo o mundo.

Só agora, sim, nos péza que um réles incidente nos tivesse affastado de Coimbra, só agora sentimos magua de não havermos recebido o canudo.

Não temos ambições desmedidas, e se algum dia pensámos tomar parte nas luctas politicas d'este paiz a breve trecho reconhecemos a absoluta inutilidade dos nossos esforços.

Tinhamos dezesete annos, frequentávamos ainda o lyceu e um mau vento da sorte levou-nos um dia a uma redacção onde se combatia a reacção religiosa e politica. Acreditámos na sinceridade dos que prégavam ao povo as doutrinas da liberdade. Eramos novo, pedimos um logar na fileira e na vanguarda ficámos, a combater.

Contraímos inimizades, inimizades fundas que não nos teem abandonado pela vida fóra e dos que a nosso lado combateram poucos se conservaram fieis á nossa amizade, quasi nenhuns mantiveram, ao depois, os principios d'até ahi.

Avançando um pouco, démos, a seguir, a uma folha democratica todo o esforço da nossa penna modesta. Trabalhavamos com vontade, sem remuneração, desinteressadamente... Não eramos, como não somos, como não seremos nunca, um profissional do jornalismo, mas démos o que podémos, até que surgiu no tablado politico o caso picaresco que fez o sr. Baracho, nosso Bayard lusitanissimo, dar um passeio militar até Elvas.

Esse caso era, a nosso vêr, uma das mais tremendas iniquidades d'esta terra portugueza, um caso verdadeiramente typico de abastardamento do caracter nacional.

Em Lisboa, fazendo as correspondencias, tracejando a nota politica, alludimos ao *caso*, como de nosso dever, segundo o nosso modo de vêr. A gazeta democratica não publicou, nem deu satisfações, e os que só finezas de nós tinham recebido... fizeram como os outros.

Um dia céssam as correspondencias do *Povo de Aveiro* em Lisboa, escrevemos a Homem Christo dizendo-lhe: conte comnôsco. Respondeu-nos com captivante amabilidade. Cá estamos.

Não ha perigo não, chamados nossos amigos, de perdermos popularidade, coisa que não merecemos, nem nunca procurámos. A popularidade não se dá em Portugal senão a jornalistas como o tal gerente do *Mundo*, ou a escriptores como «o Preto das *Novidades*, cheio de catinga e de symbolo».

Somos criatura á margem «para a vida partidaria»? Ainda bem. Que estamos fartos de aturar charlatães, de ouvir planecos disparatados, tolices graúdas...

Não tenham pena que o rabiscador destrambelhado viesse para o *Povo de Aveiro*, arredado politicamente de todo o mundo.

Fazendo hoje aqui, rabiscando hoje para aqui estas notulas impressionistas, podemos muito bem ámanhã, aqui mesmo, tratar a questão politica. Bastava que Homem Chrisro nos dissésse: escreva você.

Não. Elle está bem onde está, elle sabe bem o que faz. E nós sabemos, tambem, por nossa parte, o que fazemos.

Não se irrite, pois, ninguem que estejamos aqui, que ao lado de Homem Christo, combatamos. Nada valemos, ou pouco valemos, mas, ainda assim, esse pouco, esse nada não é para servirmos interesses de facções, para se servirem de nós como degrau.

As *cartas lisboetas* não são, nem poderiam ser, escriptas sobre o joelho, á ultima hora, sempre, um commentario critico, scintilante e vivo, dos acontecimentos da semana; são o depoimento d'um sujeito que, não procurando popularidade, não sonhando imbecilmente com uma cadeira em S. Bento, a respeitavel e acreditada casa de iscas, lhes diz, apressadamente, n'uma prosa nervosa, sem preocupações de forma, n'uma prosa por vezes, quasi sempre, destrambelhada, a sua impressão ou da leitura d'um livro, da audição d'um discurso, o commentario livre d'um facto...

Está sabido, fica assente, que não ha um programma para estas notas, que se escreve sobretudo e, ás vezes, sobre coisa alguma, como parece que succedeu hoje.

Mas, d'esta vez, era necessario dar uma explicação a certas impertinencias, acalmar certos irrequietos espiritos bondosos que tanto tremem ou fingem tremer pela nossa reputação litteraria e essa explicação mais ou menos nebulosamente fica dada... não se explicando coisa alguma, antes dizendo-se que se não explica nada.

E o leitor perde, d'esta vez—primeira e ultima—a perda do seu tempo, ao ler esta especie de depoimento jornalistico, não determinado, valha-lhe ao menos isso, pela vaidade, mas resultado d'uma imperiosa necessidade de... desabafo.

Belgavino.

Biltres!

Escreve, no orgão dos Margaridos, o safadissimo malandro que dá pelo nome de Marinha de Campos:

"Ao governo actual cabem, porém, grandes responsabilidades na perseguição feroz de que está sendo victima o director do *Mundo*. O governo teve já tempo sufficiente para apresentar ao rei um decreto de amnistia para todos os crimes politicos e de imprensa, e devia tê-lo feito sem demoras nem hesitações. Cumpria-lhe fazê-lo, porque a tanto se obrigou tacita mas implicitamente, desde que o partido regenerador, que elle representa no poder, secundou no parlamento e na imprensa a acção republicana contra o ministerio suspeito e rancoroso da presidencia do sr. Beirão."

Grandes pulhas!

E são elles que mandam! Este é o facto: são elles que mandam!

E atura isto o paiz!

Uma monarchia . . . ás ordens dos republicanos!

Isto nunca se viu em paiz nenhum do mundo!

O commercio, a industria, a lavoura, tudo, está, **absolutamente**, á mercê de meia duzia de bandidos monarchicos e de meia duzia de bandidos republicanos!

Elles fazem arruaças, elles fazem chinfrins, elles dizem o que querem, elles fazem o que querem, elles chegam ao assassinato e ao roubo, veem amnistias, tornam a continuar, tornam a vir amnistias, e o paiz de braços cruzados a aturar tudo isto!

Que monarchia!

Que paiz!

Que immundicie!

Apre . . . que é demais!

Camisa de onze varas

Eu sempre quero ver quem virão a ser os regeneradores desvergonhados, que hão de votar em candidatos dissidentes.

Estes prestantissimos patriotas, como o sabe Portugal inteiro, não têem, em todo o paiz, correligionarios que cheguem nem sequer para eleger uma junta de parochia; quanto mais para fazerem um deputado *seu*. Isto é axiomatico; é incontestado e incontestavel. E qualquer *buissidente* o confessa, quando adrega conversar, á puridade, com algum amigo particular.

Sendo assim, está claro, como agua crystallina, que os dez ou doze representantes, que estes refinadissimos amigos da nação e do throno asseguram, *urbi et orbe*, virão a ter em côrtes, hão-de ser *fabricados* por obra e graça do soba de Alijó, sacrificando outros tantos macotas da sua horda, que ficarão assim privados do campanudo titulo de paes da patria.

As razões que obrigam tão insigne chefe a expoliar amigos dedicados, em proveito dos soldados da *batalhôa buissidente*, lá as sabe elle e mais o Alpoim.

Naturalmente, são as mesmas que o levaram a albergar em sua casa as respeitaveis enxundias do caro José Maria, até este poder fugir, a unhas de . . . automovel, para Salamanca; as mesmas que o resolveram a dar uma pasta ao Marnôco, o celebre estadista de Souzella, deixando a espumar de raiva o Mello Barreto e outros aspirantes, documentados, a ministros; e as mesmas, ainda, que o forçaram a pôr, no parlamento, a sua gente ás ordens do integérrimo maioral Affonso Costa, para o auxiliarem nos seus ataques — feitos a quatro pés, segundo disse o jornal a *Lucta*—ao Beirão, ao Rei e ás instituições. As razões, lá as sabem elles; lá o lêem, lá o entendem.

Eu é que não posso dizer de que materia é feito o famoso freio, com que o Alpoim governa o indomavel e sempre resabiado Teixeira de Souza.

São mysterios, com magua o confesso, em que não consigo meter o bedêlho; são maravilhas, como a telegraphia sem fios, cujo mechanismo os simples mortaes, como eu, não podem comprehender, por mais que escabichem com as mioleiras; são phenomenos que se acreditam, porque se vêem, mas que deixam cada um a desconfiar da propria vista.

O soba de Alijó, manso como um cordeirinho, obedecendo submisso e humilde ao Alpoim, tão docilmente, que até lhe sacrifica os seus amigos!! Olhem que é caso para a gente perder noites e noites a matutar!

O Teixeira de Souza, cuja qualidade mais apregoada é ser amigo dos seus amigos! . . .

Credo! O Alpoim, com certeza, deu-lhe alguma mandinga a beber. Não ha que duvidar. Qualquer vez, que andavam juntos, de arma ao hombro, por montes e valles, cheios de calor e fadiga, a arrebanhar camaradas para alguma caçada á garça real, o José Maria deu-lhe a beber do seu cantil. E o outro enguliu, enguliu, sem ao menos tomar o gosto ao liquido. Se a fome é negra, a sêde é sofrega; não ha de que admirar. E lá ficou, por effeito da mandinga, acorrentado, para sempre, o energico soba de Alijó ao rotundo Alpoim, como este está amarrado, de pés e mãos e lingua á gente do *Mundo*, por cadeias de duro aço, que nunca poderá quebrar.

Bom proveitinho lhes façam a ambos, ou, melhor, a todos, as respectivas companhias.

Já vai porém longo este incidente, de gorada investigação psychologica, e é tempo de voltarmos á vacca fria.

Ia eu dizendo que, por faz ou por nefas, o Teixeira de Souza tem de *fabricar* dez ou doze deputados *buissidentes;* não fallando, por agora, nas ajudasinhas, que será obrigado a dar á tropa do *Mundo*, sob pena de lhe tirarem a pelle e de o estatelarem em terra, dentro de quatro dias, conforme as declarações peremptorias do inclito varão Affonso Costa.

Tem, portanto, o soba de Alijó, obrigado pelo tal freio — *proh pudor!* — de encommendar para as *forjas* da provincia os dez ou doze deputados, que o José Maria exige.

Mas, onde achará quem lhe avie estas encommendas?

Onde encontrará o soba caciques sufficientemente bandalhos para, de cumplicidade com elle, expoliarem, roubarem e desconsiderarem os seus correligionarios regeneradores?

Onde haverá eleitores borrêgos, assás pulhas, para sacrificarem amigos politicos, que ambicionam o cargo de deputado, pondo em seu logar algum dos fabricantes de bombas explosivas, que pelo seu caracter perverso, indignaram o paiz inteiro?

Onde descobrirá monarchicos bastantemente biltres e safados, para darem os seus votos aos traidores que se reuniram com os republicanos uma noite, no elevador do Conde do Ameal, a fim de irem ao Paço, de bacamarte em punho, pôr na rua, a tiro, se fosse preciso, a familia real portugueza?

Haverá eleitores capazes de tamanha patifaria? Existirá, em Portugal, canalha de raça tão vil? Se aparecerem votantes tão sevandijas, tão infames, tão refeces, tão miseraveis de moral, quem serão elles?

A que circulo pertencerão esses lacaios politicantes?

Por quanto se alugarão ao soba de Alijó esses sabujos sem vergonha?

Deixo estas interrogações em aberto e fico, como atalaia paciente e vigilante, á espera de que o tempo lhes responda.

Passado que seja o proximo dia 28 de agosto, ficarei sabendo, e comigo o paiz inteiro, se ha ou não ha, em Portugal, bestas de carga, que se alquilem ao Teixeira de Souza, para carrear dissidentes até á taberna, que se chama, pomposamente: sala das sessões da camara dos deputados.

Um portuguez.

Carta de Gôa

23-6-910.

Quando iniciamos esta serie de cartas sobre a governação da India, pensavamos que estariamos sós na arena em frente de todas as influencias do sr. Horta e Costa.

Mas não. Na imprensa da metropole apparecem já vozes auctorisadas que falam na mesma linguagem. E' *O Colonial*, é *O Seculo*, *Diario de Noticias*, *O Mundo*, e quem sabe quantos mais!

E' que os desmandos e os desastres da publica administração sejam na India, na China, Oceania ou na Africa, metropole ou ilhas adjacentes, ferem sempre os interesses communs da nação, e despertam os mesmos clamores, que se levantaram pelos adeantamentos, pelas explorações de Hinton, do Credito Predial, etc., etc.

O Colonial n.º 1965 pergunta: "O peculato, o saborno, a concussão, a infamissima ladroeira, emfim, que em toda a parte se acha sob a alçada do Codigo Penal, são permitidos na nossa India, dando-se aos seus auctores honrarias e latitudes quasi magestaticas?„

Em casos de tanta gravidade, para se procurar a genese, costumam dizer: *cherchez la femme*.

Mas no nosso caso de administração de Gôa é que não se pode dizer o mesmo, porque ella começou o exercicio das funcções a dizer: *cherchez la, cherchez*. E é esta a sua caracteristica psycologica e a determinante de todas as resoluções. Por isso na abertura da Escola Medica, a oração de sapiencia teve por objecto—Os degenerados. — E s. ex.ª percebendo a piada, não só não quiz assistir ao acto, mas ainda não mandou o seu secretario, nem o chefe do estado maior, para representar a sua pessoa.

— *Cherchez, cherchez* — é a voz principal do mando na actual governação, o que em portuguez corresponde a: — *procurai, procurai* — e ao nosso cão de caça costumamos dizer: — *busca, busca*.

E a matilha dos *lebreus* lá lhe vae desenvolvendo a sua actividade proxenetrica, e subindo assim na escala de merecimentos aos olhos de s. ex.ª.

Este estado psycologico explica plenamente a tara que produziu tantos desmandos, e inspirou a oração de sapiencia sobre *Os Degenerados. Abyssus abyssum invocat.*

N'estas condições o palacio dos Viso-Reis, o sanctuario da honra e dignidade, não pode já chamar-se palacio, o diccionario da lingua lhe marca outro nome. Os seus magestosos porticos e sumptuosas salas, que recebiam as esposas e as filhas castas dos conselheiros e dos fidalgos da India, as dos altos funccionarios, e da briosa officialidade do exercito portuguez, se abrem tambem para as rainhas da noite conduzidas nos ostentosos trens dos viso-reis! As mesmas salas e os mesmos trens, que receberam ainda ha pouco os illustres Lord e Lady Curson e conde e condessa de Minto!...

Como se vê não ha recato.

Pelo contrario, ha a denudação completa. E está claro, que o opprobrio, mesmo levado ás infimas camadas sociaes da India, encontra sempre o ferrete em braza do desprezo perpetuo, e a desgraça penetra nos lares devassados por essa *matilha*, deixando indeleveis os rastos da sua passagem, com a profanação no regimen das castas e de tudo quanto ha de mais sagrado na familia indiana.

O que é, pois, que este povo ha de encontrar de respeitavel n'esse velho edificio destinado para a habitação do logar tenente do Rei?!

O que é que elle pode esperar da actual governação no sentido de tapar os grandes boqueirões abertos na Praganá desde a governação do sr. J. J. Machado, que por uma portaria provincial, revogando o decreto organico, desmembrava do districto de Damão o *sobado* de Praganá?

Depois do desmembramento da Praganá, o governo de Damão não tinha a extensão de 15 milhas de um ponto a outro de superficie; comtudo o sr. Machado auctorisara que ao respectivo governador fosse paga, como foi, a gratificação arbitrada para as visitas officiaes em que percorresse mais de 15 milhas.

Contra tão altas influencias, que podem mais que os decretos regios, mais que os decretos orçamentaes, o que d'elle se pode esperar com respeito aos desfalques da Praganá?!

O Pygmeu é jornal adquirido pela situação para não fallar contra o sr. Horta e Costa. E o dr. Gavinho, como director e redactor principal, representa a mordaça ou *rolha* posta no boccal, e não tem outra importancia. Para a festa da inauguração das pontes da Baga e de Bicholim foi com muita instancia levado o director do —*Heraldo*— *(semi-official)* e não foi levado o director d'*O Pygmeu* que é *official*.

Comtudo, vem este dizer, no seu n.º 680, ser uma *cantata* a questão dos rombos da Praganá e as *representações populares*.

Isto assim compromette mais a governação de s. ex.a.

Até á outra.

A. S.

De Lisboa

. . . Sr. Homem Christo.

Não me pode passar a celebre phrase do *Popular* em que diz "que Teixeira de Souza é o homem mais notavel da politica portugueza e aquelle de quem o o paiz pode esperar o seu resurgimento.„

E' necessario arrojo, audacia, descaramento e muito cynismo para atirar ás faces do paiz com esta bujarda. Teixeira de Souza é o peor politico que tem havido; haja vista os processos que tem empregado para se ver elevado á presidencia do conselho. A sua vida é uma serie continua de incoherencias, de atropellos, de manigancias, como nenhum homem ainda praticou.

O que elle fez para se apoderar das aguas de Vidago, que pertenciam á camara de Chaves, bastava para inutilisar um homem. Ultimamente para ter vencimento no processo que estava affecto ao Supremo Tribunal de Justiça, de que artimanhas se serviu para vencer por um voto, o do celebre José Pereira, que estava na cama ás portas da morte e que elle foi buscar, levando-o em braços para votar a seu favor; e foi este voto que lhe deu o vencimento. Quanto lhe custou esse voto? Só elle sabe e soube o José Pereira que já deu a alma a Deus ou ao diabo. E diz o *Popular* que elle é o mais notavel da politica portugueza! E' notavel na corrupção, na veniaga, na audacia.

E' como nenhum outro, o mais reles politico, o mais abominavel dos homens que teem sido ministros n'este paiz. Nada o detem para conseguir os seus fins. Vae desde os crimes de ordem privada e esbanjamento dos dinheiros publicos para locupletar os amigos, até á ultima das abjecções. Haja vista os adeantamentos a El-Rei e aos particulares e com a circumstancia aggravante de negar e mandar negar na camara dos deputados, pelo seu amigo Mello Barreto, que tivesse feito taes adeantamentos, a não ser ao sr. D. Affonso, mas com a condição de serem pagos pela deducção na sua dotação durante o anno economico. Effectivamente quando concedeu os adeantamentos ao sr. D. Affonso lançou o despacho que deviam ser pagos dentro do anno economico, mas d'ahi a dias, ou a horas, lança outro despacho — "fica sem effeito o despacho anterior„!!!

Qual é o homem publico que jámais teve a audacia, o arrojo, o atrevimento, d'um acto tão revoltante? E quando na camara dos pares se lhe provou, sem possivel contestação, que elle tinha, como os outros ministros, feito adeantamentos, desculpou-se que tinha sido por ordem do conselho de ministros, o que lhe valeu a replica de Campos Henriques de que não tinha idéa de nos conselhos de ministros se ter tratado de tal assumpto. E não se enterrou este homem pelo chão abaixo para nunca mais apparecer deante dos seus concidadãos!!

E é de um homem d'estes, com mil outros processos analogos, que o *Popular* diz ser o politico mais notavel do nosso paiz! Ora bolas!!!

Teixeira de Souza começou a sua carreira por ser medico da empreza das aguas das Pedras Salgadas; consta que fez um relatorio dizendo maravilhas das qualidades therapeuticas das referidas aguas.

Depois desaveio-se com esta empreza e passando para a de Vidago, fez outro relatorio, em que diz maravilhas d'estas aguas e põe pelas ruas da amargura as das Pedras Salgadas, que pouco antes elevava ás nuvens. Ha nada mais coherente, mais logico, mais original? E' o impudor levado ao extremo, é o cynismo levado ao zenith! E, como este, todos os actos da sua vida. Diz hoje branco para ámanhã dizer preto, com uma desfaçatez inconcebivel. Nunca houve, não ha, nem ha de haver um politico d'esta força. E é a um homem d'estes que o Rei vae entregar a honra da nação? E é a um homem d'estes que o Rei se entrega manietado de pés e mãos? Já que o Rei foi tão fraco que lhe entregou a nação, é necessario que a nação seja forte para o expulsar das cadeiras do poder quanto mais depressa melhor, para que faça o menor damno possivel. O Rei tem medo? Quem tem medo compra um cão e se um cão não basta, compre meia duzia. Consta que Bismarck tinha um cão possante que nunca o abandonava e que quando alguem se chegava ao pé d'elle, dizia logo: tome cautella que o cão não é para brincadeiras. E se não lhe acudia, o cão lançava-se logo ás pernas, ao pescoço e á cara do approximante. Seria devido ao cão que Bismarck nunca teve medo? Se assim é, o remedio é facil. Compre Sua Majestade um cão bismarckeano e faça-se sempre acompanhar por elle, que está bem guardado dos varios Teixeiras de Souzas que lhe queiram empolgar o poder. Consta que a primeira vez que o Senhor D. Manuel foi ao Porto como Rei, acompanhado pelo seu presidente do conselho, o makavenko Ferreira do Amaral, tendo visitado varias fabricas se confessou cançado. O Ferreira do Amaral disse-lhe: "um Rei nunca se cança„. Mais propriamente se deve dizer: "um Rei nunca tem medo„, que se tem medo e o cão não lh'o tira, o remedio é ir-se embora para vir outro, seja qual for, que não tenha medo. E se o Rei tem medo cercado pela tropa, pela policia e pela auctoridade, pelo amor da nação inteira, o que farão os outros, que não dispoem de nada d'isto?

Lembre-se, Senhor D. Manuel, do aphorismo: "O fraco Rei faz fraca a forte gente.„ Entregar o governo a um homem pelo medo d'esse homem e da sua quadrilha, só o Senhor D. Manuel!

E' triste, muito triste, meu Senhor.

* * *

Nunca se viu em Portugal, nem em paiz nenhum do orbe, um governo estar alliado ás claras, com os inimigos das instituições, e até fazendo gala d'isso. Nunca se viu em paiz algum do mundo um chefe d'Estado consentir que o seu governo esteja mancommunado com os seus inimigos e com os inimigos da patria, para a atraiçoar. Nunca se viu que o paiz esteja apathico perante o maior escandalo que a historia de todos os povos regista.

Nunca se viu que um insignificante como Teixeira de Souza, sem talento, sem serviços alguns ao paiz, tenha a audacia de nos entregar aos inimigos da patria, do rei e das instituições.

Nunca se viu que um chefe de governo e ministro do reino tivesse a audacia de nomear auctoridades administrativas para governarem os diversos concelhos, os mais declarados inimigos das instituições. Nunca se viu, em parte alguma, um atrevido como Teixeira de Souza, fazer gala da sua impudencia, e ser consentido por mais tempo a dirigir os destinos da patria. Como se consente isto? Como é que o Rei e o paiz consentem tal absurdo, tal crime e tal ignominia?

Como é que o paiz está tão narcotisado que se não levanta, n'um impulso de dignidade, para escorraçar o peor dos politicos do paiz? Como é que tudo isto se está presenceando, com uma inconsciencia, que está a ser criminosa? Então em 1640 houve homens que atiraram das janellas á rua o traidor Miguel de Vasconcellos e hoje deixam tranquillo, socegado, Teixeira de Souza que, se por ventura não se prepara para entregar a patria ao extrangeiro, porque isso ainda não entrou na sua consciencia, prepara-se para a entregar aos inimigos das instituições?

Então o paiz ainda ha pouco se levantou em peso e foi ao Paço dos nossos reis protestar contra a politica de João Franco, principalmente porque elle não marcava dia para fazer as eleições, e agora com um traidor á frente do governo, que vale menos do que as solas das botas de João Franco, fica estatico, não tugindo, nem mugindo? Que phenomeno é este? Que narcotico lhe deram para que elle se não mova perante os inauditos attentados que Teixeira de Souza, o mais pifio dos estadistas, está praticando? Que papel é este que estão praticando os dirigentes da nossa politica que se limitam a um platonismo revoltante? Então é com os processos de agua morna, que estão empregando, que querem combater o maior audacioso dos tempos modernos? Eu não quero que vão fazer já uma revolução, mas entre a attitude morna de agua chilra, que estão empregando, e a revolução, ha muitos processos de combater esse homem que se arvorou em presidente do conselho.

Deixem-se de platonismos, a conjunctura não é para commodismos é para lucta decisiva, é para ir dizer ao povo que acorde e trate da sua salvação, é para tocar os sinos a rebate e despertar o povo do seu lethargo e leval-o ao Paço do nosso rei e pedir-lhe que corra com esse governo que enxovalha a nação e nos está a entregar manietado de pés e mãos aos nossos inimigos. Isto não é epocha nem conjunctura para se guerrear o governo, só com artigos platonicos nos jornaes. E' epocha para se correr a varapau os vendilhões da patria. Quem não tem coragem metta-se em casa. A' audacia, ao arrojo, ao atrevimento d'esse transmontano é necessario responder com processos energicos, rapidos e decisivos. E' necessario saber se o rei quer ficar com o paiz ou com a quadrilha que lhe matou o pae e o irmão. Aclaremos a situação para sabermos com quem vivemos.

Necessitamos saber se o Rei é da nação ou da quadrilha.

* * *

Parece que o Rei não gosta que o *Povo de Aveiro* lhe falle a verdade como lhe tem fallado, com respeito, com moderação, mas com clareza e como é proprio de homens que se prezam. Naturalmente gosta mais dos aulicos que dizem amen a tudo. Os Reis, e até os homens que dirigem os povos, gostam mais de ser adulados do que esclarecidos. Quem applaudir todos os seus destemperos tem d'elles o que quer, mas quem disser a verdade, quem lhe apontar os perigos e os erros do caminho que vae seguindo, é abominado, execrado e até se podessem, trucidavam-no. Que estranha cegueira! Não é meu amigo quem me lisongeia, mas quem me diz a verdade. Vossa Magestade está mettido no Paço, cercado dos aulicos, que não lhe dizem a verdade do que se passa, do que se diz e do que se commenta cá por fóra. Não hade ser o seu ministro que lhe hade ir dizer que o paiz o detesta, que o abomina, que o odeia. E' sina, que os homens se indisponham com aquelles que lhes fallam a verdade e acarinhem os pantomineiros, os intrujões e os sabujos que lhes lisonjeiam a vaidade. Depois quando se veem perdidos é que torcem a orelha e não deita pinga de sangue.

Se o pae de Vossa Majestade podesse resuscitar havia de dizer que bem mal tinha feito em não acatar a voz da verdade, e despresar os conselhos das pessoas desinteressadas, que nada queriam d'elle, senão o seu bem e o bem do paiz.

Vossa Majestade parece enveredar pelo mesmo caminho. Faz mal Vossa Majestade. Quem escreve no *Povo de Aveiro* não quer ser ministro, nada quer de Vossa Majestade, nem dos seus ministros, nem de ninguem, que tenha mando n'este paiz. Quer só o bem da patria que é de nós todos e quer legal-a feliz, prospera e florescente aos vindouros. Não pode ficar calado vendo ir tudo isto para um descalabro.

A. P.

Provincias

Taboaço

Insigne portuguez

Velho herdeiro de Affonso Henriques, Egas Moniz e tantos outros varões que tanto realce deram á nosss patria querida, com genio verdadeiramente portentoso, é V. o objecto de todas as paixões de amor de todo o povo digno do nome de portuguez.

N'este seculo de liberdade não podia eu deixar de usar d'ella para vos exprimir fielmente o sentimento da verdade que, a vosso respeito, vivo e delicado, me vae na alma.

A paixão egoista pode obsecar os corações e não nos deixar ver a realidade das coisas, a logica dos factos.

Isso, porém, succede a espiritos fracos sem consciencia da sua natureza de homens. Taes creaturas nunca deviam lançar mão da penna para não couspurcarem intellectuaes, punidonores, caracteres até. E eu que conheço isso e tenho na devida consideração a missão sublime da imprensa, deitaria para o lado a coherencia que sempre me acompanhou, se no vosso conceituadissimo jornal viesse faltar á verdade ainda no minimo ponto.

Vivo do desejo altruista pelo bem da sociedade, e é por isso que altamente me repugnam escandalos sociaes que de modo algum posso deixar de verberar com todas as véras da minha alma. Esses escandalos que não passam de aberrações de cerebros abortivos da nossa sociedade só vós os podeis escalpelar. Vós que tendes a dirigir a penna um punho forte e valoroso e a orientar a vossa vontade um intellecto antonomasticamente perspicaz. Mas, possuindo tão bellas qualidades de cerebro e coração, não tendes, como os demais homens, o dom de adivinhar. Essa deficiencia, deveras para lamentar em V., venho eu supril-a hoje, narrando-vos um caso que peremptoriamente define o caracter dos politicos de Portugal, e não só dos grandes, mas tambem dos que rastejam pelo pó da galopinagem sertaneja.

E' o caso da *nomeação escandalosissima do novo administrador do concelho de Taboaço*.

Ha aqui um simulacro de padre que dá pelo nome de Alvaro de Azeredo Osorio, assás conhecido pela sua vida extravagante e pelas suas idéas li...ba...raes. Quando em fins de janeiro de 1908 as nuvens da nossa politica se condensavam lá para os lados do Terreiro do Paço, ameaçando catastrophe, sua irreverencia, batendo suas azas de corvo, esvoaça de casa em casa, baboseando: "brevemente estaremos livres do tyranno!„

Veio depois a negra realidade confirmar o *presentimento (!)* de tão *conspicuo* sacerdote e sua abantesma, despindo a gravatinha encarnada, fal-a immediatamente substituir por outra vermelhinha, esperando, por entre pulos de estouvado, que amanhecesse o dia 2 para *crucificar* o Nazareno em expiação das tratantices de Buissa e Costa (?!) Desde então, como até então, sempre manifestou idéas arruaceiras (republicanos á moda de Portugal fazendo-se director politico (?!) d'uma retréte a que pôz o titulo de *Taboacense*, onde semanalmente cóspe soezmente em tudo que por Taboaço tenha algum valor moral, vendo-se ainda ha tempos um importante e honrado capitalista d'este concelho na dura necessidade de o chamar ao tribunal, que condemnou a dita retréte (cloaca á antiga portugueza) em cincoenta mil réis de multa, custas e sellos do processo.

Isto, sr. Homem Christo, não passa d'uma amostra do que é aquelle excremento social.

Pois — abismai-vos, ó céos! — Sua Majestade premiou tão *illustre* cidadão com o diploma de administrador do concelho!! Segundo a *Palavra* de 9 do corrente, a camara municipal de Taboaço, logo após a quéda do ministerio Beirão, telegraphou a Sua Majestade, informando-a do que era o *melro* e pedindo-lhe que nomeasse quem quizesse, porém, que não desse ao concelho o espectaculo escandaloso do crime premiado. Pois, senhor, de nada valeram informes e instancias. Aquelle buissidente cá está á frente do concelho, promettendo as mais canalhescas tropelias.

Só V., com a sua logica e desassombro é capaz de injectar a necessaria agua forte em tão nocivas chagas sociaes. A V. recorremos. E como esta já vae longa, prometto continuar emquanto V. m'o permittir e eu não puzer a descoberto a calva d'estes *cidadões*, verdadeiros vermes da humanidade.

Com o mais profundo respeito sou de V.

admirador sincero

Um leitor assiduo.

—†—

Alcabideche

Uma grande novidade: o Trabuca, o magno escriptor, o estylista scintillante, que *todos* conhecem, vae ser convidado para ministro da Instrucção Publica, no proximo governo republicanalho, em attenção aos dotes reconhecidos de verdadeiro homem de sciencia.

Aquella celebre carta-artigo inserto no *Defensor* — com a respectiva orthographia e pontuação! — grangeou tal fama ao douto e talentoso escriptor, que o sr. Bombardino Rachado, tendo conhecimento do facto—sufficiente para guindar um mortal ao apogeu da gloria — vae convidar Trabuca — Ah! o Trabuca, o sr. Trabuca! — para se encarregar da pasta da Instrucção no seu primeiro ministerio que terá inicio no dia de S. Nunca.

Digam agora que a Repulha de Alcabideche não tem cerebrações avantajadas, intellectualidades de fino quilate, homens de larga capacidade!

Quando esta grande novidade chegou a esta capital da Extremadura, foi um delirio de contentamento. As ruas foram embandeiradas, as musicas (de pandeireta e *urso*) percorreram todas as arterias, brilhantes illuminações, espectaculos publicos com *hungaros*, etc., foram o acontecimento da semana.

Vejam, vejam, meus senhores, o que fez uma carta, um artigo de jornal. Como pôde estar aquelle talento tanto tempo *pégádo* ao serol e á sovéla sem o conhecimento do respeitavel publico!?!

Um ministro de Alcabideche!

Quem tal diria!

Viva, viva; vivóóóó! o sr. Trabuca! ministro!!!!

Salte p'ra praça o *urso!*

Ulá! ulá! Que festa rija!

Que espectaculo publico!

Thalassa II.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano. **Lisboa**—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27. Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K. Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Manbualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana, Alemquer**—João dos Santos Pereira. **Paderne,** (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silva. **Arganil**—José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Coja (Arganil)**—Antonio das Neves Pimenta—**Castello de Vide**—Antonio Louenço Beliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Carregal do Sal**—Ramiro Paes Esteves. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Ceia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada—S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Moita do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Ponte do Lima—Estabelecimento do sr. Antonio da Cunha Nogueira. **Povoa do Varzim**—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Belmonte**—José Ribeiro d'Andrade.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Chrysantho Manuel de Mello—Associação dos Empregados do Commercio — Avenida Central, 120; Livraria Schettino—Rua do Ouvidor, 18;—Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria—Rua do Ouvidor, 181; A. Moura—Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus—Agencia Freitas.

FOMENTO AGRICOLA

Companhia Internacional de Seguros

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

—*CAPITAL, 600:000$000 RÉIS*—

SÉDE — Rua do Ouro, 292, 1.º

LISBOA

Indemnisações pagas por sinistros desde a fundação até 25 de Abril de 1910:

170:087$035 réis

Seguros de propriedades e moveis; seguros maritimos, agricolas e postaes.

Peçam-se tabellas. Agencias em todas as cidades, villas e aldeias do continente e ilhas.

Aceitam-se agentes aonde os não houver

JOSÉ DAVID

265—Rua Sá da Bandeira

PORTO

Molduras para quadros. Estampas em gravura, etc. Chromos para estudo a aguarella. Passe-partout artisticos por medida. Lavagem e retoque de gravuras antigas. Envernizamento de mappas.

Confeitaria Moreira

—253—Rua do Bomjardim—257—

ESQUINA DA CANCELLA VELHA

PORTO **Telephone: 1220**

E' uma das casas mais bem sortidas — de confeitaria e mercearia — e que melhor serve o publico.

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º—LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

Confeitaria Rio de Janeiro

SANTA CATHARINA, 275—PORTO

—A. Rocha—

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria. SALA PARA LUNCHS.

DÃO-SE SENHAS DO BONUS UNIVERSAL

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Casa Damas

Praça de Carlos Alberto — PORTO

O MELHOR ESTABELECIMEETO

de CONFEITARIA, MERCEARIA e VINHOS

Telephone n.º 300 — Adresse — Casadamas

Confeitaria-Restaurante

CASA DE CONFIANÇA

FORNECEDORA DA CASA REAL

Lemos & C.ª L.da

90, Rua dos Clerigos, 94 *Telephone, 868*

2, Rua do Correio, 12 *PORTO*

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria pastelaria e salchicharia

Almoços das 10 á 1 hora da tarde

Jantares das 6 ás 8 horas

Serviço á lista até uma hora da noite, chá, leite, chocolate, café, cacao e canja de gallinha

A toda a hora

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.ª, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

Confeitaria Oliveira, Limt.da

Praça de Carlos Alberto

PORTO

Preferir sempre os lunchs, almoços e jantares de esta casa.

Fornecedor da Casa Real

Telephone n.º 10